

# fundamentos



# VITOR HUGO

## 150º ANIVERSARIO

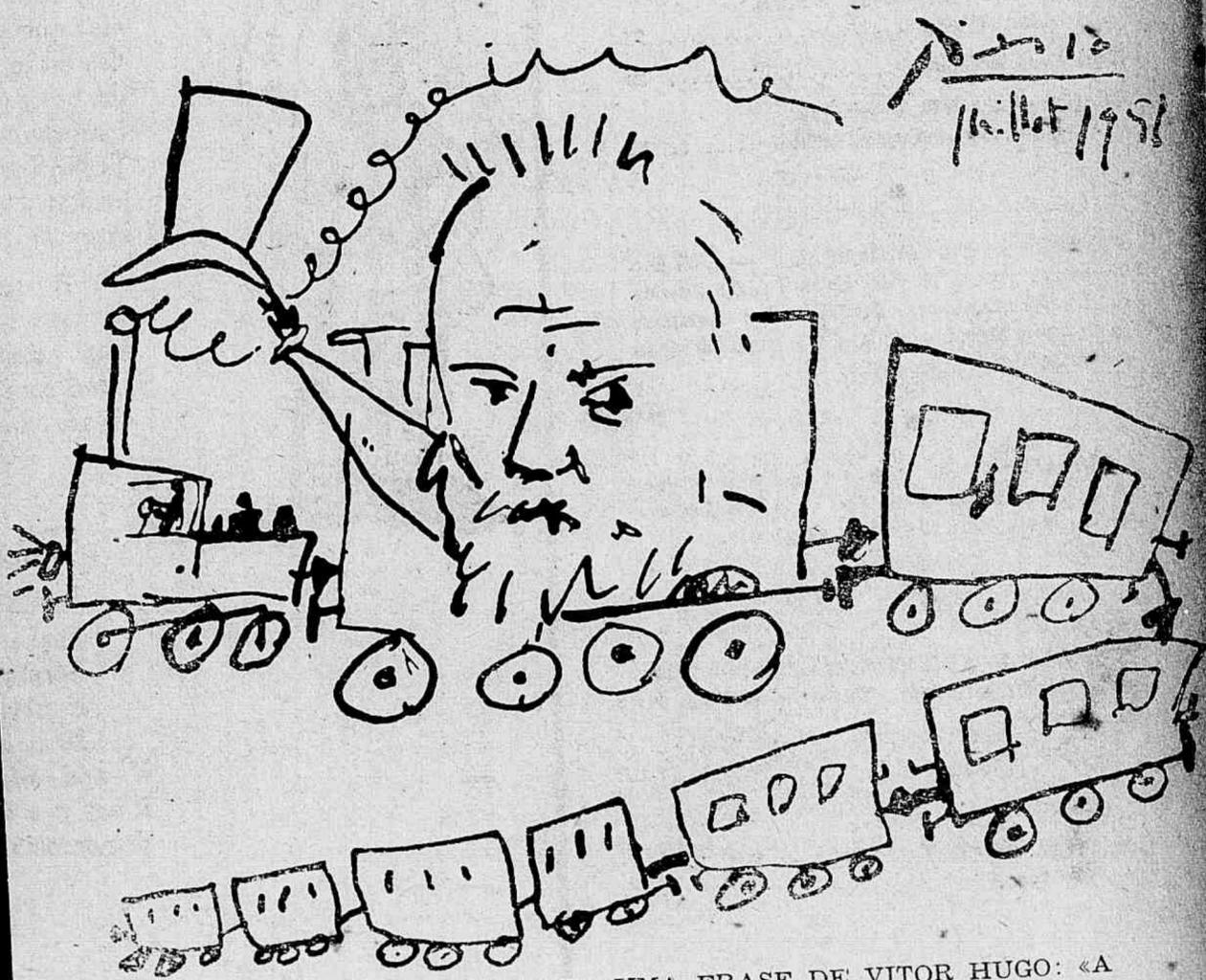
### petróleo em perigo

Depoimento do General Valério Braga,

### O "COMETA" DE MANCHESTER

AFONSO SCHMIDT

A FUNCAO DO CRITICO  
 DECIENNA  
 New York  
 SOB O COGO  
 Ann News  
 PALAVRAS REDIVIVAS  
 DO 12.º ANIVERSARIO  
 Gen. Val. Braga  
 1998



16.11.98

PICASSO INTERPRETA UMA FRASE DE VITOR HUGO: «A estrada de ferro e o fio electrico devolveu a patria o solo nacional, pondo-o cada vez mais nas mãos da paz»

MONTEIRO LOBATO

# fundamentos

ANO IV \* N.º 25 \* FEV. 1952

## INDICE

•••

Editorial — A voz das Américas <i>J. E. Fernandes</i> .....	3
Vitor Hugo, a Paz e o Futuro <i>Louis Aragon</i> .....	7
Gavroche e Jean Valjean triunfam nos palcos de Moscou <i>Anna Remizova</i> .....	10
Poesia	
A Gabriela Mistral <i>Lila Ripoll</i> .....	11
O "Cometa" de Manchester <i>Afonso Schmidt</i> .....	12
Algumas notas sobre Gógol <i>Artur Neves</i> .....	14
Saudação ao Exército Chinês <i>Antonio Aparicio</i> .....	17
Palavras redivivas do sr. João Sampaio <i>Gonçalves Machado</i> .....	18
Em perigo o petróleo brasileiro Resumo da conferencia do general <i>Valério Braga</i> .....	20
Região Afogada <i>Ortiz Monteiro</i> .....	20
O jornalismo e a criação literária <i>Marieta Chaguinian</i> .....	24
Fogo Verde <i>Walter Sampaio</i> .....	25
Cinema	
A função do crítico de cinema <i>Alex Vianny</i> .....	27
Notas e Notícias .....	29
Chopin — Artista e patriota <i>Eduardo Sucupira Filho</i> .....	32

COMISSAO DE REDAÇÃO: — Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivadavia Mendonça, Rui Barbosa Cardoso e Fernando Segismundo.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — Sala 96 São Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: — Rui Barbosa Cardoso.

## 10 VIVAS Á PAZ

Prezado leitor:

Cada exemplar de FUNDAMENTOS dá um deficit de Cr\$ 0,54. Estamos vendendo a revista por um preço abaixo do custo. Há várias razões para o preço elevado das revistas de cultura. Elas têm uma circulação muito pequena em nosso meio, cabendo a culpa fundamentalmente ao tipo de governo que aí temos; não é por acaso que no Brasil 70 % dos habitantes não sabem ler e dos 30% restantes somente 30% chega a terminar o curso primário — menos portanto que 1% do total da população.

O custo elevadíssimo do papel e outros materiais necessários para a impressão de uma revista, é mais uma arma na mão do imperialismo para tentar sufocar a voz da imprensa democrática.

O conceito de liberdade de imprensa do governador Lucas Garcez, e o nosso, por exemplo, são inteiramente diferentes, pelo menos no terreno da prática. Repetidas vezes temos tido oportunidade de protestar contra a guerra de nervos à imprensa progressista, movida pelos funcionários do governo. Qualquer "tira" boçal pode intimidar o jornalista que exiba em sua banca uma manchete contra a guerra, uma manchete sobre a China, ou pelas liberdades democráticas. O governador promete as maiores garantias dentro das quatro paredes de seu gabinete. Cá fora é diferente; cá fora, o governador não interfere.

Mas alguma coisa ainda depende de nós mesmos. Se melhorarmos nossa organização, nossa propaganda, poderemos sair do impasse que tem impedido a melhora substancial que vimos planejando há algum tempo. Várias medidas estão sendo postas em prática e para todas elas o apoio de nossos amigos é indispensável. Uma entretanto, a mais importante no momento, que é a CAMPANHA DE ASSINATURAS só terá sucesso na medida em que o leitor nos emprestar a sua ajuda, ciente de que ao fazê-lo, toma lugar ao nosso lado na luta por um Brasil melhor.

A assinatura além de ser um meio de garantir uma saída para a revista, é meio eficaz de propaganda e constitui uma receita fixa com a qual podemos contar sempre. O plano consiste em elevarmos de 500 o número atual de nossos assinantes, até o mês de abril vindouro.

\*

### 500 ASSINATURAS EM 3 MESES

Este slogan cobre as paredes de nossa redação. Faça-nos uma visita, caro leitor. Torne-se nosso agente.

Escrevam-nos os nossos amigos do Interior.

10 assinaturas dão direito a uma assinatura gratuita que V. pode oferecer a um amigo; 10 assinaturas são 10 vivas à paz nos ouvidos dos forjadores de guerra e coveiros da democracia.

ASSINATURA ANUAL — Cr\$ 50,00



# A VOZ DAS AMÉRICAS

J. E. FERNANDES

O ideal da paz é uma constante na história da cultura humana. Os mais altos espíritos das civilizações clássicas sempre se devotaram á idéia da paz universal. Todo o classicismo greco-romano está saturado de um humanismo pacifista, onde o sonho de uma nova idade de ouro recorre a cada passo, como suprema aspiração dos homens sôbre a terra. O esplendor dos recitativos de Homero, narrando os memoráveis feitos dos heróis antigos, é o relato dos esforços ingentes dos homens para expiar suas culpas, reconquistar a bôa vontade dos deuses e o usufruto da sonhada idade do ouro — tempo de fartura e paz.

Assim também nas outras grandes épocas de florescimento cultural, na Renascença e no século das luzes, o ideal da paz viceja, exaltado pelos humanistas, filósofos e artistas. Erasmo de Roterdão a êle dedica longas meditações. Spinoza, nêle vê o caminho da virtude e da razão. A paz dedica Emmanuel Kant um dos seus tratados fundamentais. Voltaire, Diderot e os enciclopedistas todos, demonstram, em nome da razão, a inanidade da guerra, a necessidade e a possibilidade da paz. Goya, na sua série espantosa dos Desastres da Guerra, lança um anátema mortal ás carnificinas humanas.

Nos tempos mais recentes, quando o progresso das técnicas colocou na mão dos homens instrumentos de guerra cada vez mais mortíferos, nenhuma inteligência de escol deixou de condenar a guerra e almejar a paz. Dizia Pasteur:

“Creio firmemente que a ciência e a paz triunfarão sobre a ignorância e a guerra e que os homens se entenderão não para destruir mas para construir.”

Os intelectuais de hoje recordam ainda com emoção, os esforços de grandes figuras deste século, como Romain Rolland, Barbusse, a maravilhosa Kaethe Kollwitz, e tantos outros, que não pouparam sacrifícios na sua grande luta por uma paz que, infelizmente não foi conquistada.

Esta tradição do ideal da paz é um dos marcos mais imponentes do progresso humano. Embora desde a aurora da humanidade, a guerra tenha sido considerada um costume, e reconhecida mesmo como tal, o progresso da civilização, milênios de estudo, de esforço generoso dos mais fecundos espíritos, vem demonstrando que o uso da violência e da força, é processo anormal, estranho, que precisa ser eliminado em definitivo das relações humanas. Tal é a conclusão a que chegou Einstein, partidário de um governo supranacional, quando diz, em recente mensagem aos sábios italianos, a propósito da posição do contista na sociedade atual: “Ele sabe que sómente a instituição de uma ordem supranacional, fundada sobre a lei, que abolisse para sempre o emprego da força bruta, poderia salvar a humanidade; mas é obrigado a considerar como um destino inevitável a escravidão a que o reduz o Estado. Avilta-se a ponto de contribuir com toda a obediência a aperfeiçoar os meios que permitirão a destruição de toda a humanidade”. Outro grande cientista de nossa época, Joliot-Curie, presidente do Conselho Mundial da Paz, assina em nome daquele alto órgão um apêlo consagrado por milhões de assinaturas em todo o mundo, em que se propõe como medida prática de salvaguarda da Paz um Pacto entre as cinco maiores potencias do mundo. A defesa da paz e a vitória da paz, são hoje a responsabilidade mais alta e a esperança mais cara a todos os povos do mundo.

No entanto, continuam os jornais a noticiar, diariamente, quer no estardalhaço das manchetes, quer em artigos, despachos, ou pequenas notas, e até mesmo, nas entrelinhas de seu noticiário, a trama sinistra da propaganda e da preparação de uma nova guerra. Cruzam-se as informações sobre governos que aceleram seus preparativos paa a eventualidade de um novo conflito amado, que todos temem será a III Guerra Mundial. A dolorosa guerra da Coréia, os tumultuosos sucessos do Oriente Médio, são examinados nos gabinetes das chancelarias

POR TÔDA PARTE AS PAREDES COBREM-SE DE CARTAZES QUE GRITAM A VONTADE DE PAZ DOS POVOS. AS REPRODUÇÕES QUE ESTAMPAMOS NESTA PAGINA SÃO DE CARTAZES DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA PAZ E DOS PARTIDARIOS DA PAZ DA ALEMANHA.

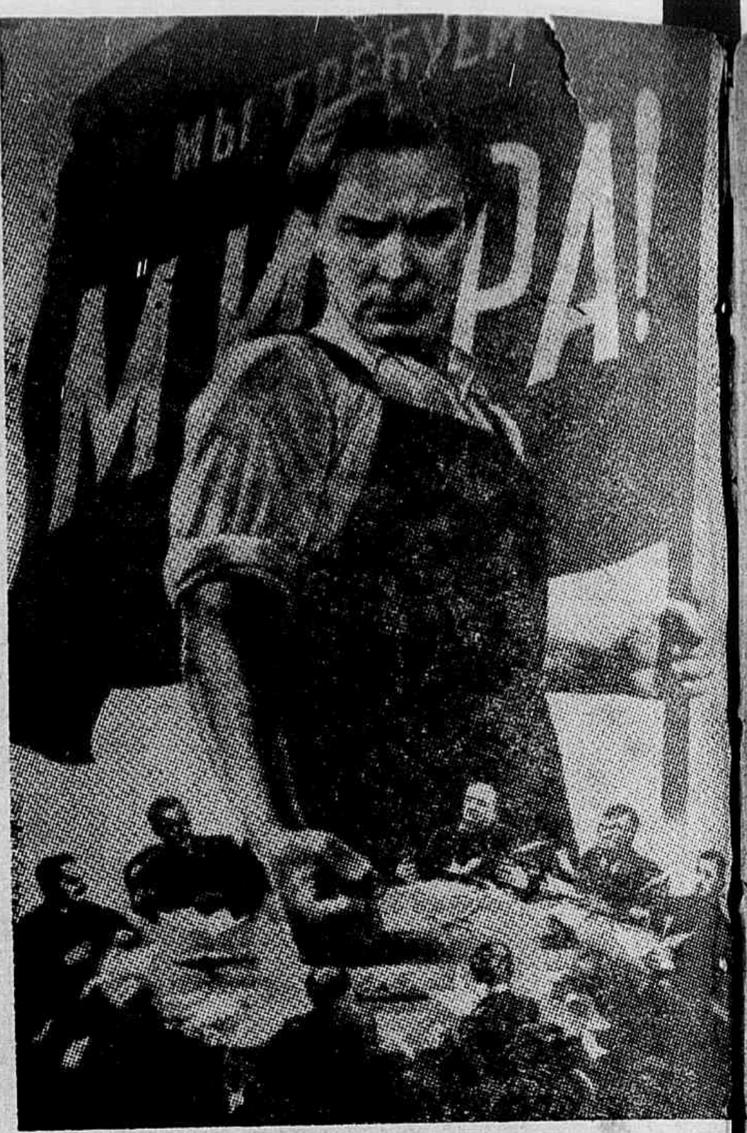


PAIX  
PEACE  
M H P  
POKOJ  
PACE  
PAZ  
FRIEDEN

和  
平

e na conversa dos homens da rua, na perspectiva horrível de uma nova hecatombe mundial, na qual desaparecem até mesmo a trágica fisionomia própria desses povos martirizados pela dor e pelo sofrimento. Todos temem a guerra porque sabem que ela será a destruição, em escala inaudita, do que a humanidade construiu até agora. Eis porque, diante do horror de uma nova guerra resurge, em toda a sua elevação, o ideal de tantos séculos de esforços e sacrifícios, o ideal da paz. Paradoxalmente, a gravidade mesma da ameaça que pesa sobre toda a humanidade, de uma guerra mundial, faz com que esse sonho milenar possa ser hoje realizado, pois que, em resposta ao perigo de conflito mundial, o desejo de paz de todos os povos trará a sua efetiva concretização, na universal escala desejada. Se a paz é possível e desejada, por que não se concretizou ainda, perguntarão os descrentes do progresso humano. Porque os solertes empreiteiros de guerras, os poucos e desvairados apoveitadores das carnificinas, tudo fazem para aumentar as incompreensões e os litígios entre as nações e os povos, litígios e incompreensões passíveis de solução pela discussão e o acordo. Não há argumentação, não há distorção lógica, não há preconceito que possa convencer um homem honesto de que a paz não deva ser negociada, e garantida. No entanto, a suprema garantia de uma paz perene está em que a vontade de paz dos povos se manifeste em toda a sua inequívoca autoridade, liberta das restrições e impedimentos artificiais dos protocolos oficiais. Para que a paz entre as nações seja conseguida, é necessário que a voz de seus povos se faça ouvir, franca e espontânea, clara e irretorquível. Tais são as vozes, no que concerne às Américas, que se manifestarão na Conferência Continental pela Paz, agora convocada para o Rio de Janeiro, em março futuro.

Esse conclave da inteligência foi idealizado pelo que de melhor tem a América. Entre os signatários de sua convocatória estão figuras de destaque no continente e no mundo, nos mais variados ramos da atividade humana: juristas, escritores e artistas, religiosos e cientistas, poetas, líderes operários, industriais, todos grandes expressões das nacionalidades do hemisfério de Colombo. Como verdadeiros símbolos de seus povos, lá estarão, pelo Chile, Gabriela Mistral, a poetisa cujos versos cristalinos são joias da literatura hispano-americana. Ainda dos altiplanos andinos, pelo Equador, o jurista Cevallos Arizaga, presidente da Corte Suprema de seu país; pelo Peru, José Galvez, ex-presidente da República; pela Colômbia, o padre Perez Arbelaez, sacerdote católico e famoso naturalista. Da América Central, Alvarado Fuentes, presidente do Congresso Nacional de Guatemala, Alberto Navarro, alcaide da capital panamenha. Dos Estados Unidos, Paul Robeson, o cantor maravilhoso, cuja voz quente e volumosa enche de emoção a todos que ouvem suas humanas e vigorosas interpretações; Howard Fast, o escritor norte-americano que melhor traduz em sua arte o cerne democrático da grande nação. O México mandará o general Heriberto Hara, laureado lutador da paz e respeitada figura de herói nacional mexicano. Ainda do México os pintores Diego de Rivera e Siqueiros, expressões fortíssimas do gênio artístico nacional mexicano, admirados em todas as Américas. Dos países sulinos, figuram na galeria eminente, o professor Gregorio Berman, psiquiatra de projeção mundial, a dra. Maria Rosa Oliver, já entre nós, escritora cuja obra de conagração pan-americano não encontra paralelo em todo o continente; do



U. R. S. S.

NA UNIÃO SOVIÉTICA E NA CHINA POPULAR O MOVIMENTO PELA PAZ GANHA PROPORÇÕES NUNCA VISTAS. MAIS DE 500 MILHÕES DE PESSOAS NESTES DOIS PAÍSES JÁ SUBSCREVERAM O APELO POR UM PACTO DE PAZ. É ASSIM ONDE OS POVOS TÊM LIBERDADE. NA ÁFRICA NEGRA, ENTRETANTO, A REPRESSÃO POLICIAL JUNTA-SE A IGNORÂNCIA EM QUE OS COLONIALISTAS MANTÊM AS POPULAÇÕES LOCAIS. O CARTAZ QUE PUBLICAMOS (EM BAIXO, À DIREITA) MOSTRA HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS AFRICANAS APOSTANDO SUAS IMPRESSÕES DIGITAIS, À GUISA DE ASSINATURAS, NO APELO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ.

CHINA



ÁFRICA



Uruguay, Celia Mieres, Stable e Migliaro, professores da Universidade. Do Canadá virá o reverendo Endicott, cujo trabalho em prol da paz o fizeram conhecido e estimado em todo o mundo. Nossa terra engrossa a lista imponente, com grandes expressões de nossa cultura: Candido Portinari, legitimo orgulho de todo o continente, Oscar Niemeyer, grande entre os maiores arquitetos de nossos dias, o desembargador Pereira Sampaio da magistratura gaucha, D. Branca Fialho, educadora de destaque mundial na luta pela Paz, deputado Campos Vergal e muitos outros patricios eminentes.

É certo que muitas dessas personalidades americanas professam convicções que se encontram em oposição inelutável. Une-os, no entanto, o desejo e a convicção de que a paz deve ser preservada entre os homens e as nações. Nesse desiderato são compatíveis os seus sentimentos religiosos, suas convicções filosóficas e seus compromissos políticos. Acima de suas opiniões particulares colocam, sinceramente, as suas responsabilidades de cidadãos eminentes em seus próprios países, e, por isso mesmo, dotados de prestígio internacional. Coadjuvando sua ação em prol da paz, logo encontramos comitês nacionais de iniciativa, que, aglutinando prestigiosas personalidades, em cada país americano, se incumbiram dos preparativos para a realização do grande conclave.

Pela confiança desvanecedora de toda a America, coube ao Brasil a honra de hospedar a Conferencia Continental Americana pela Paz. De todos os setores da vida nacional ocorreram adesões preciosas para os trabalhos do Comitê Nacional. Os intelectuais e artistas, homens que constroem com o pensamento, arautos das aspirações de seus povos, não estariam alheios ao nobre chamamento. Em numero elevado acorreram os nomes e os compromissos de cooperação, na realização da grandiosa festa americana de fraternidade e inteligencia.

Registramos com todo o prazer que em nosso Estado, e nesta dinamica Capital, cujo IV centenario só será celebrado se não sobrevier a hecatombe de uma neva guerra, o melhor de nossa intelectualidade prestigia e trabalha pelo bom exito da Conferencia, onde as vozes dos povos americanos, exprimirão em unissono, a todo o mundo, a confiança de todos nós em um futuro prospero e feliz para todos os homens e todas as nações. É ainda uma vez Castro Alves, genio que sentiu e deu expressão aos anseios de seu povo, quem, no seu inflamado descortinio do sonhador de grandes sonhos, representa a voz do Brasil e de toda a America, ao proclamar em versos imortais:

“Filhos do Novo Mundo! Ergamos nós um grito  
Que abafe dos canhões o horrisono rugir,  
Em frente do oceano! Em frente do infinito  
Em nome do progresso! Em nome do porvir.”

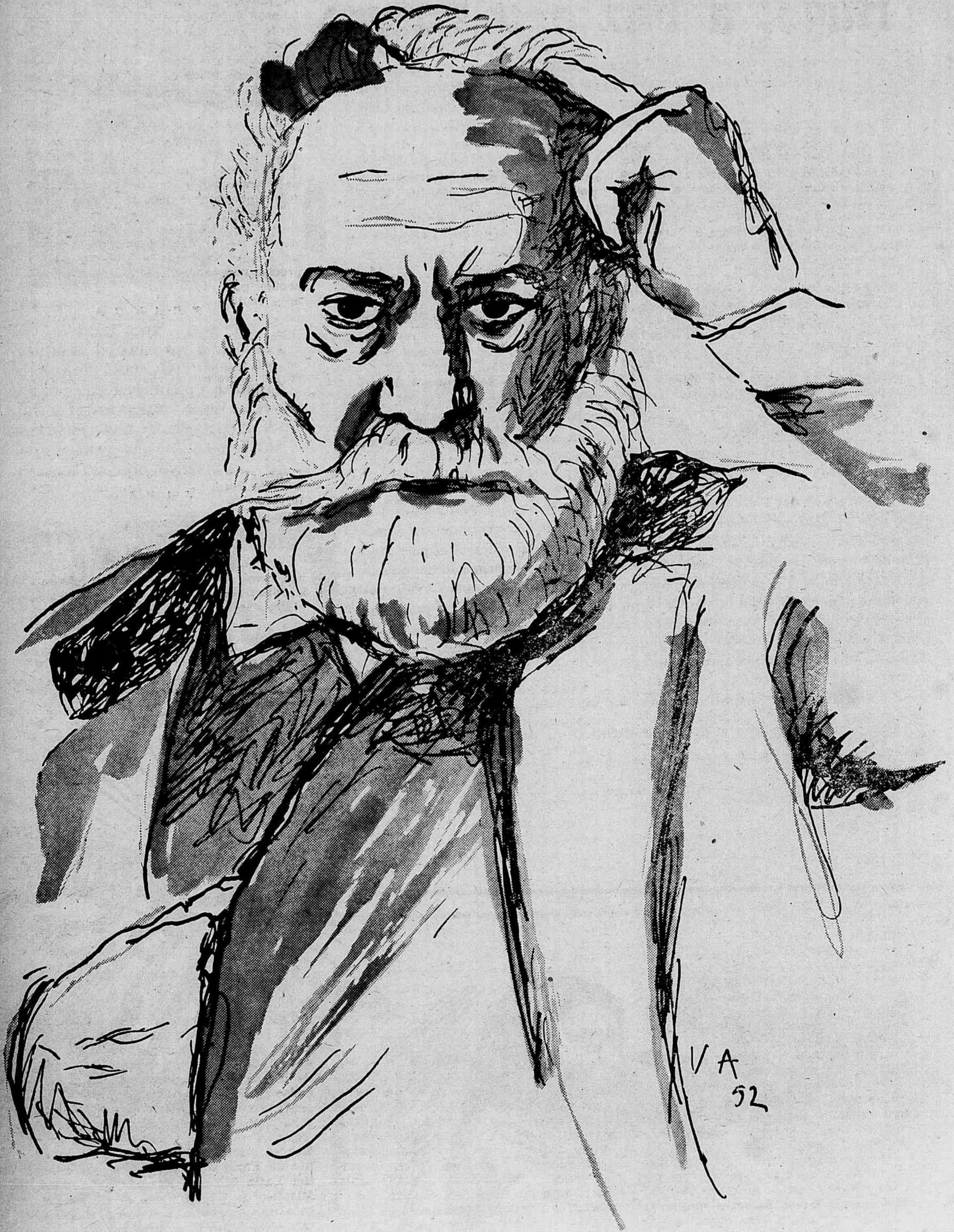
M É X I C O



FRANÇA  
TAMBÉM NO MÉXICO NA  
FRANÇA E NO JAPÃO LONGIN-  
QUO OS MUROS DAS CIDADES E  
ALDEIAS CONDENAM A GUERRA.  
NUNCA MAIS HIROSHIMA! A LU-  
TA INCANSÁVEL DOS PARTIDA-  
RIOS DA PAZ PARALIZARA O BRA-  
ÇO ASSASSINO DOS BELICISTAS.

J A P A O





V A  
52

# Hugo, a Paz e o Futuro

LOUIS ARAGON

Foi de seu exílio em Hauteville House que Vitor Hugo enviou, em maio de 1867, sua Introdução ao Paris-Guide, que Louis Ulbach preparara para os editores Lacroix, Verboeckhoven & Cia., de Bruxelas, Leipzig e Livorno, por ocasião da Exposição Internacional de 1867. Mal se pode imaginar, hoje em dia, que um banido pudesse prefaciá-la, nas barbas do segundo Imperador, uma obra vendida em Paris pela Livraria Internacional, correspondente do belga Lacroix. Todos os literatos da época que aí colaboravam, de Sainte-Beuve a Dumas Filho, de Viollet-le-Duc a Taine, de Michelet a Renan, de Louis Blanc a Littré, de Victorien Sardou a Theophile Gautier, punham-se deste modo sob o patrocínio do poeta dos *Chatiments*. Tais eram os tempos que não podia ser de outro modo.

Hugo, entretanto, associa os colaboradores do Paris-Guide ao seu silêncio de desprezo pelo Imperador e seu regime, pior — a esta declaração:

Mas, dir-se-ia, o Paris imediatamente atual, o Paris destes quinze últimos anos, esta algazarra noturna, este Paris de máscaras e bacanais ao qual se aplica especialmente a palavra decadência, que pensais dele? O que pensamos dele? simplesmente recusamos a acreditar em sua existência. Este Paris não existe. E, se existe, está para o verdadeiro Paris do passado e do futuro como uma folha para uma árvore. Menos ainda. Não é senão a excrescência de um organismo. Julgáreis o carvalho pelos parasitas?

Um pouco de sombra flutuante não se conta no imenso levantar da aurora. Negamos a decadência, não negamos a reação. A reação assemelha-se à decadência é incurável; a reação é apenas momentânea...

E como alguém pudesse ainda se enganar:

... Afirmação da democracia, afirmação da paz, afirmação do século. Indiquemos, entretanto, o que é a parte mais íntima do nosso pensamento. Uma afirmação não existe se não é, ao mesmo tempo, uma negação. Estas páginas negam portanto alguma coisa. E' um Sim que diz Não.

Do seu destêrro, Hugo prefacia a Exposição Internacional como teria prefaciado o Bimilenário. Mas não o Usurpador, não os falsificadores de votos, não a reação. Este texto fantástico, este apêlo grandioso tem um destinatário: o povo, e um objetivo: a paz.

Esconde tuas bandeiras, guerra. Se não, tu, miséria, mostra tuas cadeias...

Este cântico a Paris, escrito na linguagem do desmedido, com palavras de apocalipse, as imagens proféticas, nem um instante é possível desconhecer a sua significação política:

A autoridade marchando num sentido, a opinião em outro; um governo obscuro sobre um povo brilhante; este fenômeno acontece, às vezes, mesmo em Paris. Paris o atravessa como se atra-

vessa uma pancada de chuva. No outro dia, enxuga-se ao sol...

E' preciso não esquecer que este era um tema corrente da propaganda republicana: O Império é a guerra... (hoje dizemos o fascismo). Apoderar-se da Exposição Internacional que ia inaugurar-se no Paris de Napoleão-o-Pequeno e transformá-la em pretexto para esta Declaração de Paz que termina a Introdução ao Paris-Guide, era o desenvolvimento da própria luta pela República. Pouco importam os meios propostos pelo sonhador de Guernesey! Sem dúvida, eles se originam de uma utopia. A utopia já é uma grande coisa: ela abre perspectivas, faz o homem superar-se a si mesmo, não é condenável senão mais tarde, se se recusa, diante dos fatos, a ceder o passo a ciência. Então, em nome de uma fidelidade interessada ao sonho antigo, são aqueles mesmos contra quem germinou a utopia que se aproveitam dela, e exigem que nos mantenhamos presos à sua letra. Mas, desde que se trata de paz, pouco importa que nos venha pelos caminhos imaginados a cerca de um século por Vitor Hugo! Era a paz que queria o poeta, é a paz que nós escolhemos. O essencial aqui, o indisfarçável, e que os forjadores de trapaças não conseguiram incorporar ao seu jôgo, é o espírito deste texto, e não o processo logo voltado contra o próprio objetivo de quem o inventa. Paris, capital da paz, para Hugo, situa-se sem dúvida num mundo onde

... Uma batalha entre italianos e alemães, entre ingleses e russos, entre prussianos e franceses... será o que é para nós uma batalha entre borgonheses e habitantes da Picardia...

E quem desejará que este dia não venha? Apenas, se Hugo o imagina em uma nação de que Paris é a capital e e que se chama Europa, que os nossos «europeus» de hoje, que propõem em meio a ruidosas teses sobre a liquidação das fronteiras industriais, a criação de uma Europa polícia do mundo, amputada, a Leste, dos povos que mais recentemente fizeram cair as suas Bastilhas, uma Europa armada até os dentes, uma Europa da qual eles não ousam propor que o Paris de Gavroche e de Fabien seja a capital, pois a sua capital será a capital da guerra... que os nossos «europeus» de hoje não tenham o despudor de gritar: Hugo está conosco! A Europa que Hugo imagina, surpreender-se-á da glória dos projetos cômicos e terá dificuldade em distinguir entre um general de exército e um açougueiro... Nesta Europa, a pólvora será poeira inútil, e o que hoje serve para dilacerar os corpos, terá por função abrir as montanhas. As vantagens da bala cilíndrica sobre a bala redonda, da pederneira sobre o estopim, da cápsula sobre a pederneira, serão desconhecidas... Esta nação apreciará mais um túnel sob os Alpes do que o cartucho Armstrong. Ela levará sua ignorância ao ponto de não saber que se

fabricava, em 1866, um canhão pesando 23 toneladas chamado Bigwill. Outras belezas e magnificências do tempo presente serão esquecidas: por exemplo, entre esta gente não se verá mais orçamentos tais como os da França atual, que forma todos os anos uma pirâmide de ouro de dez pés quadrados de base por trinta pés de altura...

Uma tal Europa nada tem a ver com a Europa de Strasbourg, a Europa de Paul Reynaud e Guy Molet, a Europa de Adenauer e de Churchill, a Europa de Eisenhoner e de Ramke, a Europa dos super-orçamentos de guerra. Utopia, enquanto esta gente existe, é o sonho desta Europa, capital Paris, que em 1867 Vitor Hugo acreditava possível no século XX. Mas a meta, a paz, é preciso não esperar o vigésimo-primeiro século para fazê-la uma realidade. É uma realidade cientificamente baseada na experiência dos povos. Isto sentia o velho Hugo quando escreveu:

As massas são as forças: a partir de 89, são também as vontades. Daí o sufrágio universal. O que é a guerra? E' o suicídio das massas. Ponhamos este suicídio a votos. O povo cúmplice do seu próprio assassinato, é o espetáculo que a guerra oferece.

Sem dúvida, três anos antes de 1870, Hugo saltava utopicamente as etapas. E todos recordam o poema de *L'Année terrible* que é um comentário de amargura ao texto do Paris-Guide:

Pregar a guerra depois de ter pregado a paz...

Mas, nem 1870 nem 1914 e 1939 (apenas, como as luzes superpostas formam a noite, estas noites horríveis se reunindo darão por sua vez a luz) podem fazer esquecer o essencial das palavras de Hugo em 1867:

Que desapareçam os espetros! Que se dissipem as medusas! Não! Mesmo durante o canhoneio de uma batalha, não cremos na guerra. Estas nuvens são apenas fumo. Acreditamos somente na concórdia humana, único ponto de intersecção possível das direções diversas do espírito humano, unico centro desta rede de caminhos que se chama civilização. Não cremos senão na vida, na justiça, na libertação, no leite das mães, nos berços das crianças, no sorriso dos pais, no céu estrelado. Dos que jazem frios e ensanguentados nos campos de batalha, desprende-se, como remorso para os reis, como reprimenda aos povos, o princípio da fraternidade. A violação de uma idéia a consagra; e sabeis o que recomendam aos vivos, os mortos, estas sombras pacíficas? A paz.

Transcrevo estas palavras de outro século, na época em que pensava Vitor Hugo, a guerra estaria recolhida ao museu dos Horrores, entre acessórios de teatro e fantasmagorias desmoralizadas. E Paris, nos dias de hoje, oferece festas ao mundo. Pode-se ver nas ruas cavaleiros de capuz vermelho e capote azul que vêm dos dias de Etienne Marcel, andarilhos saídos da Notre Dame de Paris que distribuem no Quartier Latin folhetos sobre O Verdadeiro Mistério da Paixão que se representa no átrio da catedral como nos Invalidos espoucam fogos de artifício.

Mas, antes das vantagens da bala cilíndrica sobre a bala redonda deixarem indiferentes as pessoas, o que se discute é a superioridade da bomba de hidrogênio sobre a bomba atômica; e o que parece insensato como um combate entre borgonheses e habitantes da Picardia, é a paz entre americanos, russos, franceses, ingleses e chineses. Neste Paris que devia declarar a paz ao mundo, proibiu-se a reunião de centenas de milhares de delegados eleitos pelas pessoas que desejam a paz. O que é certamente a expressão do terror daqueles que não a desejam, diante destas máscaras que são as forças e, a partir de 89, dizia Hugo, a partir de 17 ainda mais, dizemos nós, são as vontades. Mas, imagino o que Hugo teria pensado deste Bimilenário que se passa sem ele, entre um general inglês em Fontainebleau e um general americano em Marly, Bimilenário para o qual, estes que interditarão a manifestação do 15 de julho pela paz, inventaram, com grande reforço de cartazes sobre os tapumes onde já se apagam as mentiras ilustradas do sr. Jean Paul David, fazer da semana que termina no dia 15 de julho, uma Semana do Exército, a fim de entregar o Palácio das Exposições, recusado à Paz, a uma destas paradas militares que nos recordam os tempos em que Poincaré habituava o povo de Paris à idéia da guerra, usando todos os pretextos para exhibir os soldados nas ruas.

«O que! não faltará quem me diga, o sr. acha mau que se homenageie o nosso Exército?» Nosso exército, eu? Eu não quero senão ver exaltadas as suas glórias e virtudes. Nosso exército, o que defendeu o solo nacional. Jamais o que foi incapaz de fazê-lo; o exército dos generais incapazes. Muito menos o exército da agressão, o exército antinacional submetido às ordens dos generais estrangeiros. E todas as palhaçadas do mundo, os desfiles de uniformes imperiais, de soldados da Guerra dos Cem Anos, ou de Guardas Nacionais, este custoso Châtelet com o qual quer-se menos divertir o povo do que enganá-lo, quando se mendiga aos velhos trabalhadores os seus quatro vintens, quando se fecha as escolas e se expulsa os sábios, todas as palhaçadas do mundo não farão de uma Semana do Exército Atlântico uma Semana do Exército Francês.

Sim, depois do grande grito de Vitor Hugo pela paz, houve 1870. Depois 1914. Depois 1939. Apenas, depois de 1870, houve 1871. Depois de 1914, houve 1917. Depois de 1939, houve a Resistência e a Libertação, que forçaram os poderosos a dar lugar ao povo. Aqui, ainda modesto, e lá, total. E não estamos mais no tempo da Exposição do Paris-Guide. Não somos mais joguetes da utopia. Não cremos mais que Paris possa declarar a paz no mundo. Sabemos que é necessária a pressão de todos os povos sobre os seus dirigentes, para forçá-los a fazerem constantemente a paz entre eles. Propomo-nos objetivos limitados e, por enquanto, um Pacto, como se diz, dos Cinco Grandes. Apenas, este Pacto é uma etapa, um primeiro degrau da escada da paz. Propomo-nos forçar aqueles de quem isto depende, a se encaminharem, por meio da negociação, por uma linha reta sem

recuos. Faremos deste problema, o nosso problema, nós, o exército inumerável dos que querem a paz. Não nos contentaremos com uma semana: iniciamos, neste 15 de julho proibido, não alguns dias de parada, mas uma era de vigilância e de luta. Proclamamos a mobilização permanente pela paz. Para que depois de 1870, 1914 e 1939, não haja nem 1952, nem 1953, nem nenhuma cifra ulterior para significar a destruição e a morte.

Quando começa uma guerra, aqueles que vos pedem resignação, dizem que será uma guerra curta, coisa de três semanas, um pic-nic militar, que todos estarão em casa no Natal. Mas o que nós iniciamos aqui, é uma paz. E nós

queremos que não tenha fim. Uma paz longa, imaginem! Não é o suicídio que submetemos a votos. É a vida. Votos como este não têm lugar todos os cinco anos, mas todos os dias. Não há delegação de poderes no combate pacífico. Aqui, a traição do eleito seria a carnificina e, para nós franceses, o aniquilamento como nação, fisicamente e moralmente. Para evitar isto, vale bem empreender pela paz uma batalha sem medida, sem limite, sempre recomeçada.

O tempo ganho, as vitórias da paz, são ensinamentos. E num mundo que já conta com as experiências deste último século, cada ano, cada mês, cada dia se inscreve numa contabilidade irreversível, torna mais difícil a tarefa dos ini-

## “SÓ OS QUE LUTAM VIVEM REALMENTE...”

*Ao escrever estes versos, em 1844, Victor Hugo parece justificar a pecha de demagogo com que os seus adversários pretendem feri-lo. Nesse tempo, instalado em sua glória, membro da Academia Francesa que por três vezes o recusara, o poeta vive uma fase de acomodação e conformismo que lhe fará merecer, no ano seguinte, o título de par de França. Sua oposição a Luis Felipe, suas preocupações sociais, estão longe de serem profundas. A revolução de 48 aproxima-se...*

*A própria vida de Hugo, entretanto, revela a profunda verdade dos versos cuja justeza ele talvez sentisse melhor do que nunca naqueles anos de vitórias fáceis. Só os que lutam, vivem realmente. E o golpe de Luis Napoleão, faz levantar-se o gigante adormecido. O par de França, o hábil “oposicionista” da Constituinte de 48, torna-se conspirador e, no momento em que tantos se curvam, ergue o seu gênio incomparável para esmagar o tiranete ridículo que espelhava os princípios de 89.*

*Perseguido, exilado, Hugo é a grande voz da inteligência francesa, o acusador impiedoso que reergue a bandeira da Revolução traída pela burguesia.*

*E’ assim, ao calor do combate, nas horas difíceis de exílio, que maior força revela o seu talento. Enganam-se os que contrapõem o poeta ao homem de ação. Victor Hugo mostrou que a poesia é obra*

*de circunstância que se firma na luta para revelar o que de mais belo existe no coração dos homens.*

*O erro de Hugo foi não ter adivinhado a Rússia de 17 depois da França de 93. Acreditava na evolução dentro dos princípios democráticos sem perceber que estes seriam postos de lado sempre que fosse necessário conter os trabalhadores. Não compreendeu que o operário “que pelo terror salvara a liberdade” teria que usar outra vez da violência para enfrentar o egoísmo da classe dominante.*

*Mas, sua generosidade, sua fé no futuro, sua confiança nos homens, fariam empalidecer todas estas limitações. De volta do exílio, Paris o recebe em triunfo. No jubileu de “Hernani”, peça que consolidara a vitória do movimento romântico em 1830, 600 mil pessoas o aclamam. Hugo termina os seus dias cercado da admiração e do respeito universais. Morto em 1885, seu corpo repousa no Panteon, depois de ter permanecido em cama ardente sob o Arco do Triunfo. Suas obras, entretanto, continuam a inspirar e animar os melhores homens de nosso tempo. Sómente na União Soviética, durante trinta e quatro anos de socialismo, elas foram reeditadas 263 vezes em 44 línguas, num total de 5 milhões e 600 mil exemplares. Talvez apenas Pushkin e Shakespeare tenham encontrado maior audiência para as suas idéias.*

migos da humanidade. Três anos depois de ter declarado a paz ao mundo, Hugo devia fazer-se o suscitador da terrível batalha da pátria. Seus conselhos de então, nós os seguimos há dez anos quando outra vez a França esteve nas mãos do estrangeiro. A situação se inverteu. Podemos ainda evitar o retorno à necessidade de matar. Nestes dias do Bimilenário, em que os representantes de todos os povos estão em Paris e contemplam, das rosas de Bagatelle às pedras do Père Lachaise e do Monte Valerien, a paisagem da nossa História é a isto que realmente nos convida a voz de Vitor Hugo.

De Vitor Hugo, cuja presença entre nós não é questão de um bronze retirado ou repostado, do insulto dos joões-ninguém, do clamor das rãs ou da farsa eleitoral. A voz de Vitor Hugo que arriscava perder-se na tempestade, mas que se faz tempestade quando vai no sentido da grande torrente humana, e renasce no coração das multidões, onde se purifica a utopia, onde o pensamento e o verbo se fazem força e ação. E a fúria implacável dos povos vergastará aqueles que pensavam ter nas mãos o monopólio dos castigos. O vento dos homens varrerá para sempre o céu negro, a pólvora será poeira inútil, a energia atômica servirá para desviar rios e criar mares, como na Sibéria, e a mil coisas ainda inimagináveis que farão o homem grande e feliz na paz do mundo; e o sábio poderá inventar sem remorsos, e a mulher dar a luz sem medo crianças que não temerão a noite. Não haverá mais nunca martírio coreano nem martírio bretão. Continuará a existir uma França, mesmo quando tornar-se risível esta pobre pequena ambição de Europa, porque, e isto mais depressa do que se pensa, haverá uma humanidade. E chegaremos a isto se todos unidos o desejarmos, sem estes morticínios a cuja fatalidade a todo custo pretendem fazer-nos crer, sem passar pelas guerras que não são o caminho necessário da paz.

Incorrigíveis! Sim, estamos incorrigivelmente certos do futuro, da elevação da humanidade, do destino pacífico do mundo. Com uma diferença: achamos que isto depende de nós. E Hugo, em 1871, logo após a Comuna, em julho ainda, repetia em alexandrinos, numa invocação a Paris precisamente as mesmas coisas que ele havia dito em prosa no Paris-Guide de 1867. Incorrigível também. Nada tendo aprendido, órieis, nesta escola de fogo e de sangue que é a guerra. Nos tempos de vergonha, quando reinava Petain, eu li estes versos alhures e a gente de Vichy escarneia: declarar a paz no mundo! Isto para eles não tinha sentido, como não tem sentido para os que contam fazer recuar a História com a bomba americana. Entre eles e nós... mas deixo que fale Vitor Hugo:

... Em toda parte a vida cercada de mil auréolas douradas!  
E vós, vós contemplais a sombra, a sombra e mais sombra ainda.  
Pois seja. Vedes présa de tríplice véu  
A treva, e nós, nós vemos as estrelas.  
Buscamos o que brilha, procurai o que negreja.  
Cada um tem o seu modo de olhar a noite.

## VITOR HUGO E A COMUNA DE PARIS

Do homem de Guernesey que, entre a glória sob a tirania e a altivez no exílio, preferiu o exílio, pode-se dizer também que, entre a lei de Versalhes e o direito da Comuna, não teve dúvidas em ficar com o direito.

E' certo que, nos momentos mais duros das barricadas, quando Versalhes bombardeava o Arco do Triunfo e a Comuna destruía a coluna Vendôme, símbolo da guerra de conquista, Victor Hugo hesitou: *O fraticide; Ici toute la frénésie Des canons, des mortiers, des mitrailles; et là Le vandalisme; ici Charybde, et là Scylla.*

Mas não devemos esquecer quem era Victor Hugo, o sonhador de um mundo de paz. Socialista utópico, não compreendeu a dinâmica de uma sociedade de classes. Para ele havia Versalhes a monarquista, a clerical — e havia Paris, bandeira da liberdade e da igualdade. Mas antes de tudo, uma França ideal, sem lutas de classe, de onde devia surgir o impulso que traria concórdia ao universo inteiro.

Seria injusto, entretanto, apontar apenas o que o autor de *l'Anée Terrible* deixou de ver. Victor Hugo, no que tem de grandioso e atual, é o homem que sentiu a aproximação de um mundo novo e soube transmitir o seu sentimento, e lutou, na medida de suas forças, pelo advento deste mundo novo.

Hugo atinge a plenitude de sua grandeza quando diz: "as massas são as forças. Depois de 89 são também as vontades".

Em pleno terror desencadeado contra os "vencidos de Paris", responde a um apêlo em favor de um jornalista da Comuna condenado à morte, dizendo: "a vida que me pedem para um condenado, eu peço para todos". E inicia uma campanha pela anistia geral.

Quando não é pela anistia que está lutando, é pelo direito de asilo que devia ser assegurado aos "communards", perseguidos políticos. Tendo o Governo belga concordado com Versalhes, considerando os fugitivos como criminosos comuns, Victor Hugo envia ao jornal *l'Indépendance Belge* um protesto veemente e indignado, em que oferece aos revolucionários, como refugio, a sua casa de Bruxelas.

Nos dias que se seguem, os reacionários belgas — que por toda parte a reação se levantava — promovem um atentado contra a residência do poeta que é depredada. E o rei da Belgica expulsa do seu país o estrangeiro impertinente que não compactuava com a opressão.

E' esta imagem de intelectual vibrante e combativo, que há de permanecer: Victor Hugo, poeta da paz, defensor do direito e da liberdade.



# GAVROCHE E JEAN VALJEAN TRIUNFAM NOS PALCOS DE MOSCOU

Anna Remizova, diretora de cena do Teatro Vakhtangov

Desde o seu nascimento o teatro soviético impôs-se como tarefa principal, a criação de uma dramaturgia nova que exprimisse os sentimentos e o modo de pensar do povo soviético, as grandes realizações do seu trabalho criador e o heroísmo na luta pela independência da pátria. Nas melhores peças do teatro soviético reflete-se a história dos povos da URSS em todas as etapas do seu desenvolvimento.

Mas, paralelamente à criação deste repertório soviético, o teatro da URSS preocupou-se sempre em levar à cena as obras clássicas da dramaturgia russa e estrangeira. Esta parte do seu repertório enriqueceu-se notavelmente. Centenas de peças estrangeiras clássicas, desconhecidas no teatro russo pré-revolucionário, foram apresentadas ao espectador soviético. Molière, Shakespeare, Lope da Vega, Calderon, Schiller, Racine, Beaumarchais, Goldoni e muitos outros são aplaudidos nos palcos da URSS.

O Teatro Vakhtangov, nascido da Revolução e fundado em Moscou por Eugênio Vakhtangov, brilhante aluno de Stanislavski, interessou-se muito cedo pela dramaturgia francesa. Entre as suas primeiras apresentações, figuram três peças em um ato do Teatro de Clara Gazul, de Merimée. Na mesma época, era apresentado um

drama de Vitor Hugo, *Marion delorme*, enquanto que o *Cirano de Bergerac*, montado durante a guerra, mantém-se ainda em cartaz.

Ao mesmo tempo, a tendência própria do teatro soviético de apresentar as grandes obras, marcos da cultura mundial, o orientava para as adaptações. Se bem que a adaptação para o teatro dê à obra de um clássico uma forma que ele não havia previsto, ela permite levar à cena as criações mais marcantes da literatura.

Seria certamente muito fácil escolher no repertório do grande Hugo uma peça já pronta sem recorrer à adaptação. Assim agiria o teatro soviético se se limitasse às considerações estéticas. Entretanto, por mais profunda e sincera que seja a admiração que votamos a Hugo, não podemos esquecer que nem todas as suas idéias têm o mesmo valor. O complexo caminho percorrido pelo grande escritor francês, está entremido de hesitações das quais se ressentem as suas obras. Se, para o historiador literário, toda a criação de Hugo tem um interesse igual o mesmo não acontece em relação ao espectador contemporâneo para o qual cada obra tem uma ressonância especial. Muitas das obras aplaudidas durante a vida do escritor, não sobreviveram à sua época,

enquanto outras adquiriram um valor eterno para toda a humanidade cultivada.

Pode-se afirmar que, dentre a enorme herança literária de Hugo, a obra preferida pelos soviéticos, a obra que eles começam a amar desde a infância, desde a escola, é sem contestação *Os Miseráveis*.

Os personagens deste romance são de tal modo familiares aos leitores da União Soviética, *Jean Valjean*, *Gavroche*, *Fantine*, *Marius* são de tal modo benquistos por eles e o sinistro *Javert* tão longamente detestado, que a idéia de levar à cena *Os Miseráveis* se impunha por si mesma.

Se o povo soviético, temperado no fogo da Revolução estima tanto este romance, é porque se exprime com vigor o protesto social contra a injustiça do regime burguês, a profunda simpatia do autor pelos oprimidos, e o espírito da Revolução que anima Paris insurgido. O problema essencial consistia em determinar o assunto, a duração do espetáculo, uma vez que era impossível representar no palco todos os sucessos deste longo livro.

Eis porque foi escolhido como tema o destino de Jean Valjean, perseguido por Javert, mas conseguindo reunir-se às forças progressistas de Paris, ao lado do heróico Gavroche. O autor da adaptação, Stanislav Radzinski, com o auxílio do coletivo do teatro, conseguiu resolver o difícil problema de encerrar a ação principal da epopéia de Hugo no quadro limitado do espetáculo. As variantes da adaptação foram, uma após outra, verificadas no palco e modificadas segundo as exigências do teatro.

O texto cênico assim obtido entretanto, não constituía senão o esqueleto da representação. Para dar-lhe as cores da vida, era preciso restituir a alma e o físico dos personagens, em toda a sua realidade histórica. Para conseguir-lo, os atores estudaram os seus papéis não somente no texto completo do romance de Hugo, mas ainda lendo e procurando assimilar o essencial de sua obra. O gênio descritivo de Hugo permitiu aos maquiadores, aos costureiros, aos decoradores, representar claramente as particularidades características da época e de cada personagem. Os papéis de Jean Valjean e de Javert são vividos respectivamente por André Abrikosov e Nicólas Plotnikov. Ao lado destes dois artistas consumados, jovens atores revelam um talento brilhante.

A estréia de *Os Miseráveis*, tornou famosos dois principiantes: Julia Borissova, no papel de Eponine e Vadi-

*Cena da obra francesa preferida pelo público soviético, "Os Miseráveis", num teatro de Moscou*



me Ruslanov, no papel de Marius. A jovem artista Nadeja Generalova, excepcionalmente dotada para os papéis de rapaz, incarnou um Gavroche que arranca ovações do público, principalmente na cena em que arrasta Jean Valjean para as barricadas.

Os grandes grupos sociais de características tão diversos como a juventude revolucionária, os burgueses de Paris, os personagens do baixo mundo reunidos em torno dos dois criminosos *Thenardier*, vivem sobre o palco em toda a sua veracidade, graças à atuação de artistas de talento.

O teatro trabalhou cerca de um ano neste espetáculo. Um período tão longo de preparação se explica pelo desejo de apresentar o mais fielmente possível a época descrita por Hugo e de oferecer um espetáculo perfeitamente elaborado.

Em compensação, o público reconheceu os seus heróis favoritos e a imprensa unânime louvou o espetáculo. Desde que se leve em conta o quanto são exigentes os soviéticos, a severidade com que julgam as obras de arte, uma tal reação de sua parte deve ser considerada uma verdadeira consagração. A calorosa acolhida que foi dispensada à obra do grande clássico francês tem uma elevada significação e mostra como pode servir o teatro a nobre causa da aproximação cultural dos povos.

Uma vez mais, o espectador soviético provou que sabe apreciar a cultura progressista de todos os países e que não nega sua afeição profunda a todo artista sincero, quaisquer que sejam os seus pontos de vista, desde que o seu objetivo final seja a felicidade humana. Ele venera a memória de Vitor Hugo, artista e lutador, cujo grande talento ditava decisões justas mesmo quando concepções políticas confusas ameaçavam fazê-lo perder-se na situação complexa de seu tempo.

Tendo tornado vivos e reais os sonhos de numerosas gerações, o povo soviético considera sagrados os esforços dos homens do passado por seus ideais. Ele espera da dramaturgia progressista francesa contemporânea, novas peças sobre a nova França, a França dos combatentes da paz. Obras assim receberão uma acolhida entusiástica da parte dos artistas e dos espectadores soviéticos.

*André Abrikossov e Nicolas Plotnikov, respectivamente, nos papéis de Jean P. Valjean e de Javert*



fundamentos

# A Gabriela Mistral

Prêmio Nobel de Literatura, signatária do Manifesto de Convocação da Conferência Continental Americana pela Paz

LILA RIPOLL

*Um nome tão simples,  
a força que tem!!*

*Três letras apenas,  
três letras pequenas,  
não custa dizer.*

*Joguemos o nome  
por onde passarmos  
e o nome tão simples  
veremos crescer.*

*Joguemos o nome  
por onde passarmos.  
Joguemos ao vento  
e à brisa do mar.*

*Um nome tão simples,  
tão fácil,  
— três letras —  
contemos,  
contemos,  
joguemos ao ar.*

*Passando fronteiras,  
crescendo, crescendo,  
veremos o nome  
se multiplicar.*

*Veremos os homens  
de todas as raças,  
de todas as línguas,  
na paz se encontrar.*

*Joguemos o nome  
— ó sim, Gabriela —  
por onde passarmos,  
e onde estivermos;*

*aos mais distraídos,  
e aos desesperados,  
e todos um dia  
nos não de escutar.*

*Joguemos o nome  
— ó sim, Gabriela —  
por onde passarmos,  
e onde estivermos;  
Joguemos o nome  
por onde passarmos.  
A paz em teus versos,  
nos meus ainda a paz.*

*A paz irrompendo  
nos cantos do povo.  
No canto dos ventos  
a paz a cantar.*

*O nome crescendo,  
subindo,  
irrompendo,  
criando raízes  
no peito dos homens.*

*O nome brotando  
de todas as bocas,  
de todas as línguas,  
na terra e no mar.*

*Três letras apenas,  
três letras pequenas,  
um nome tão simples,  
a força que tem!*

*Cantemos o nome,  
cantemos,  
cantemos,  
joguemos o nome  
que vai germinar.*

*e onde estivermos,  
Aonde passarmos,  
e até mesmo os surdos  
nos não de escutar.*

# O "COMETA" DE MANCHESTER

AFONSO SCHMIDT

Em fins de 1921, o camarada Pimenta reuniu alguns companheiros e fundou a Cooperativa Gráfica. Comprou a credito uma linotipo, impressora Alauzet e caixas de tipos fantasia para títulos e anúncios. Depois, com muito trabalho, instalou a oficina num barracão da rua Claudino Pinto, no Braz, à sombra do Gasometro. Como o fim da iniciativa não era propriamente o lucro, mas a propaganda das ideias, dentro de pouco a Cooperativa iniciou a publicação do diário intitulado «A Vanguarda», instalando a sua redação num dos primeiros prédios da rua 15 de Novembro, nas proximidades da praça Antonio Prado.

Mas nesse escritório, que era redação e gerência, só ficava o Lebre, um português franzino que falava em estilo comercial e tinha o vício da escrituração. Era muito amavel, muito delicado, incapaz de desfeitear uma mosca. Pois assim mesmo, logo depois, deveria ser expulso do país, com a nota de «anarquista perigoso». Os redatores

passavam o dia e a noite na oficina à rua Claudino Pinto. No fundo, havia uma sala assoalhada, com larga mesa e bancos laterais, onde a gente escrevia artigos, comentários e notícias. A abater meio-dia no relógio de parede, tipógrafos, jornalistas, impressores e demais auxiliares saiam para o almoço. Só ficava na sala dos fundos um ou outro redator que, por não ter casa, fazia ali mesmo frugal refeição.

Certo dia, fiquei sozinho naquela sala. Ocupava-me em encher algumas tiras de papel com raseunhos que deviam tornar-se o áto em verso «Ao relento», levado muitas vezes à cena por grêmios operários. De repente, a porta da tipografia, que estava apenas cerrada, abriu-se e um desconhecido botou a cabeça para dentro. De lá mesmo perguntou, em castelhano:

— E' aqui a Cooperativa?

— E' sim. Entre.

Ele transpôs a porta e caminhou para mim. Era homem de estatura meia, vestido de azul-marinho, pasta de

couro debaixo do braço e um daqueles chapéus de fibra que não tinham forma estabelecida, ou melhor, ficavam na cabeça do jeito que a gente os atirava. Ao chegar á porta da sala, estacou e perguntou:

— Está o dono?

— Desculpe, mas isto aqui é uma cooperativa libertária e não tem dono.

— Pergunto pela pessoa que manda aqui...

— Aqui ninguém manda, pois, como já lhe disse, é uma...

O visitante não me deixou terminar a comprida explicação.

— O mais velho, o que tem experiência...

— Ah! — respondi eu — esse é o camarada Edgard!

— Só ás 2 ou 3 horas.

— Pois entregue-lhe este cartão e ele que me procure no endereço que aí está. E' assunto do maior interesse.

Despediu-se, atravessou a oficina, ganhou a porta e perdeu-se na rua cheia de sol onde, áquela hora, alguns ope-



rários comiam as suas merendas sentados em retalhos de sombra.

Examinei o cartão. Tratava-se de viajante inglês, de uma fabrica de tecidos de Manchester e se encontrava hospedado no Terminus, então o melhor hotel de São Paulo. E ainda estava a fazer essa observação quando o Edgard — mais cedo que de costume — voltou do almoço. Ele implicava com a poeira. Sempre que entrava, pegava no espanador e se punha a limpar a mesa. Quando o espanador não era suficiente, raspava com a unha as manchas da mesa e assoprava, assoprava... Foi nesse louvável exercício que ele descobriu o cartão, já esquecido. O anarquista leu-o, coçou com ele a palma da mão e indagou:

— Uma visita?

— Sim. Esteve aqui. Quer falar com você.

Edgard aborreceu-se.

— É algum vendedor que deseja entrar em relações com a Cooperativa. Não vou lá.

Depois, pensando melhor, mudou de idéia:

— Vou procurá-lo, esta tarde, depois do jantar...

Ele não falou mais nisso. Dali a pouco o pessoal voltou do almoço. Duas páginas do jornal, a primeira e a quarta, já tinham sido impressas pela manhã. As duas restantes foram paginadas e, do meu lugar, vi os rapazes transportarem as ramas para a máquina. Dali a pouco — patatataz! patatataz! patata traz! — começou a impressão. Na porta escancarada para a rua havia muita gente. Os vendedores faziam barulho ensurdecedor. Brigavam, lutavam corpo a corpo, atiravam cascas de banana na tipografia. E logo depois, pelas esquinas, ouviram-se os primeiros gritos:

— Olha «A Vanguarda»... Jornal dos operários!

Eu dormia num banco, o tipografo Maximiano Ricardo no outro. Quando as noites eram frias, nós nos cobríamos com papel de impressão. O Edgard entrava de manhã cedo, escancarando as portas, manejando o espanador, botando os papeis terrivelmente em ordem, raspando e assoprando a poeira encostada na mesa... Ao ver-nos ali, cobertos com o papel caro, de 6 mil reis a resma, deu a festa pró Diabo...

Mas, dentro de pouco, não falou mais no caso. Naquela manhã ele estava pensativo, nervoso, olhando sem ver. Duas horas depois, como estivessemos sós na sala, desembuchou a história daquele encontro, tal como eu a deveria ouvir mais de uma vez, durante estes trinta anos que se seguiram.

Edgard chegou ao hotel — contou-me ele — mostrou o cartão de visita e foi logo recebido pelo viajante, que o fez subir a seu quarto. Apresentadas as credenciais, o inglês se abriu. Era militante, de Londres, e estava em viagem de inspecção. No momento, residia em Buenos Aires. Passando pelo Brasil, ficara admirado da intensidade do movimento operário, com suas greves, sua imprensa, suas passeatas revolucionárias como a 1919, de apoio à URSS, em que a massa deixou os bairros fabris e desfilou pelo centro da cidade, com bandeiras vermelhas, ao som da «Internacional».

No entanto, esse proletariado que tão consciente e combativo se mostra-

va ainda não tinha lançado as bases do seu Partido Comunista.

— Por que o senhor não funda o Partido Comunista do Brasil? — perguntou.

— Porque não sou um bolchevista.

— Nesse caso, indique-me pessoa capaz dessa obra.

Edgard pensou um pouco.

— Indico. Chama-se Astrogildo Pereira. Mora no Rio de Janeiro.

— Preciso falar urgentemente com êle.

Projetado o encontro, os dois saíram para a rua, a passeio. E, conversando — foi Edgard quem me contou — passaram pela Luz, tomaram a Avenida Tiradentes, alcançaram a Ponte Grande e terminaram a excursão em Sant'Ana, sem dar conta de quanto haviam caminhado. Ali tomaram um bonde, de regresso à cidade e se despediram à porta do hotel.

Tres dias depois, Astrogildo Pereira desceu de um carro de segunda classe, do diurno, na estação do Norte. Foi

recebido por Edgard que, na mesma noite, o apresentou ao «cometa» de Manchester. Ambos se entenderam muito bem. Eram como velhos amigos. Do que eles assentaram nas conversações nada se sabe, mas Astrogildo Pereira voltou para o Rio de Janeiro e, pouco a pouco, ao longo dos anos que se seguiram, foi surgindo o Partido. Ignoro o que se fez a seguir no Rio de Janeiro, no Brasil. Mas a primeira publicação que recebi foi uma revista comprida e estreita, tendo na capa o emblema da foice e do martelo, e que ostentava o nome de «Movimento Comunista».

Tudo isso se passou, silenciosamente, num tempo em que o delegado Bandeira de Melo alimentava a esperança de prender um sujeito mulambento e barbudo, de botas, com a faca atravessada nos dentes, que devia chegar de Moscou como passageiro clandestino para fazer a revolução comunista no Brasil...

## A IMPRENSA DOS ESTUDANTES SOVIETICOS

*Em todos os institutos e universidades, nas dezenas de linguas dos povos da URSS, publicam-se periódicos estudantis, alguns deles de grande tiragem, impressos em oficinas de que as próprias escolas dispõem. Os centros de ensino que não têm máquinas para isso, editam jornais murais diários. Sociedades científicas juvenis publicam regularmente boletins especializados em assuntos científicos ou técnicos. Os clubes esportivos tratam dos problemas do esporte. Há até boletins que circulam somente no fim dos semestres para informar sobre a marcha dos exames.*

*Um dos mais populares jornais de estudantes é o «MOSKOVSKI OUNIVERSITET» que circula na mais velha universidade da Rússia.*

*Os leitores são os estudantes que querem o seu periódico porque é obra sua. Eles mesmos fazem parte dos Conselhos de Redação, dirigem os trabalhos, escolhem as matérias e asseguram a saída, distribuição e aspecto gráfico. Pelas cartas que os jornais publicam, às vezes em páginas inteiras, tem-se uma idéia do carinho dos moços pelo SEU jornal.*

*A imprensa estudantil soviética é em primeiro lugar um educador de novo tipo. Promove inúmeras iniciativas dentro das escolas, orienta, entusiasma, informa, conduz o jovem no caminho do estudo, do amor ao trabalho, na preparação das grandes tarefas da construção socialista. «Estudai como fazem os jovens do grupo 57» é o título de um artigo que transmite as experiências de um coletivo notável pelo rendimento extraordinário obtido nos exames.*

*Os jornais juvenis ajudam a organização dos cursos na medida em que publicam enquetes, análises do tipo de ensino, das refor-*

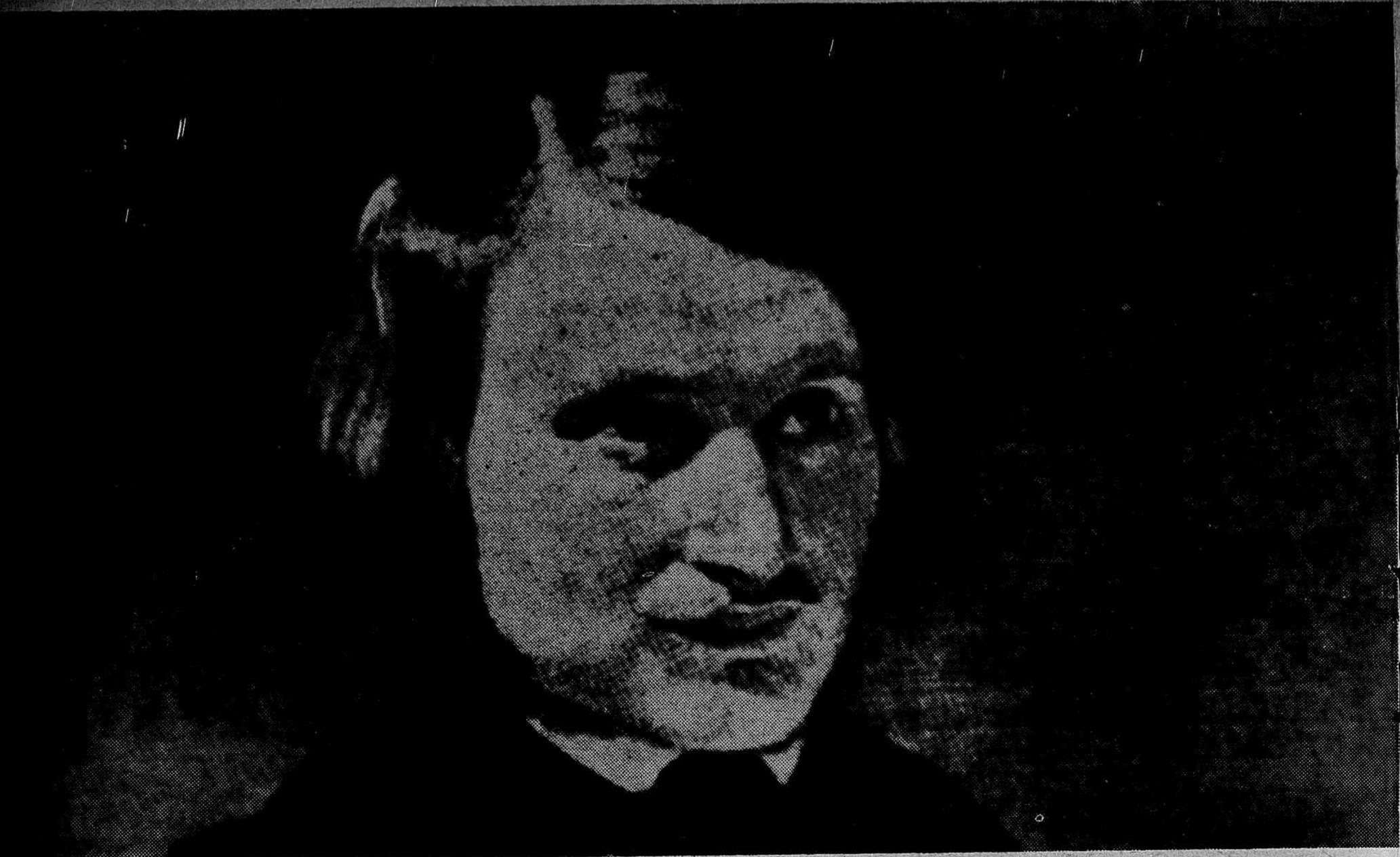
*mas mais oportunas e do rendimento de certas iniciativas.*

*Como acontece com todo o povo soviético, os estudantes participam ativamente dos planos de modificação da natureza, dos «PLANOS STALINIANOS»; a escola não é um isolamento forçado dos problemas nacionais. Trabalham com os professores na solução de inúmeras questões que lhes são propostas especialmente. Estudantes de geofísica procuram novos métodos de investigação do subsolo; os kolkoses sugerem pesquisas; há muito o que fazer nos canteiros do comunismo. Os jornais, vivendo estas atividades, servem a elevada missão de ligar os estudantes aos problemas da prática, começar a aplicação dos conhecimentos científicos que a escola proporciona.*

*A literatura, a arte, o cinema, vibram nas páginas da imprensa estudantil disposta sempre a opinar sobre as mais recentes criações da literatura e da arte soviéticas. Jovens poetas estreiam, nascem os romancistas, os críticos, os artistas do amanhã. «Um futuro radiante ao nosso alcance» é o título que encabeça um dos artigos do jornal «A Universidade de Moscou» — órgão de jovens ardentes.*

*Constantemente são publicados artigos sobre a campanha da paz que estão desenvolvendo os estudantes da URSS. Proclamam sua fé na vitória das forças da democracia e da paz aprovando unanimemente as decisões históricas do Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Os artigos da imprensa jovem refletem a firme vontade dos moços de reforçar, com maiores êxitos no estudo, o poder do país dos Soviets que segue uma política consequente pela paz.*

*Pela paz, estudam os jovens na URSS. Pela paz, publicam, discutem, e lutam. Ela é o caminho dos moços, a porta do futuro, a senda ao comunismo.*



## ALGUMAS NOTAS SÔBRE GÓGOL

ARTUR NEVES

Comemora-se êste ano o centenário da morte de NIKOLAI VASILIEVICH GOGOL (1809-1852), o genial criador de "Almas Mortas" que, como assinala Bielinski "através de suas obras admiráveis e profundamente verdadeiras, soube ajudar poderosamente a Rússia a tomar consciencia de si propria, a lançar um olhar para si mesma, como se fôsse um espelho".

Para se compreender o papel de Gogol no panorama literário da Rússia do século XIX, é antes de tudo necessário analisar alguns traços que, já naquela época, distinguiam a literatura russa das demais literaturas européias.

Diante da miséria e da exploração a que se achavam submetidas as grandes massas da população do país, vivendo sob o peso da estrutura feudal e latifundiária que sustinha o tsarismo, os escritores russos puderam compreender, mais cedo do que muitos escritores ocidentais, a necessidade de transpôr os estreitos limites da "arte pela

arte" e de colocar sua inteligência e seu poder de criação a serviço do povo em luta contra a autocracia tsarista. Sentiram eles muito cedo, pois, a necessidade de romper a velha contradição entre o ideal e a realidade, que levava a arte do passado ao bêco sem saída das "ilusões perdidas". Os melhores escritores russos da época compreenderam que para insuflar vida no seu "herói ideal" tornava-se urgente lutar por um novo regime social, mais justo e mais humano. Daí a sua tendencia em fazer com que suas obras refletissem a realidade, refletissem o verdadeiro, o bom e o justo. Essa tendência, como nota Alex Tolstoi, transformou a literatura russa na "mais humana das literaturas". Analisando essa mesma fase literária, diz Bielinski, "a literatura russa, apesar de toda uma censura bárbara, está impregnada de um forte sentimento de vida e conserva o elan do futuro".

Os maiores escritores russos do século passado juntaram o seu trabalho de criação literária à militância política. Não se curvavam diante da prepo-

tência tsarista, nem se conformavam com a asfíxiante censura oficial. E por isso muitos dêles foram perseguidos, presos e exilados. Puchkin foi exilado por Alexandre I, Dostoiévski foi deportado para a Sibéria depois de ter escapado à força, Tolstoi foi perseguido e só se livrou da prisão pela pressão da opinião pública mundial. Podemos dizer que a literatura russa do século XIX cresceu e ganhou corpo e côres através da luta contra o tsarismo, através da luta contra as velhas formas feudais e decadentes que emperravam o desenvolvimento da sociedade russa. Por outro lado, a orientação democrática e nacionalista que grandes pensadores como Herten, Bielinski, Tchernichevski e outros conseguiram imprimir à crítica literária criou condições favoráveis para a incorporação rápida, na literatura russa, de tôdas as tendências progressistas do século. O abandono do apoliticismo em arte, a busca do real e humano, a luta contra o velho e decadente, uma certa perspectiva do futuro são as características que assinalam uma profunda modificação no conteú-

do e na forma da literatura russa do século XIX e que a colocam em posição de vantagem sobre as demais literaturas européias da época. Mas o traço que mais distingue essa literatura é sem dúvida o seu forte e entranhado espírito nacional, a sua tendência constante em fincar raízes na terra e retratar com verismo o homem russo e a paisagem russa. Esse retrato, de início impreciso, visto apenas como "realidade objetiva" através do realismo crítico, vai ganhando contorno e nitidez à medida em que forças novas passam a atuar na sociedade russa e começam a fazer a sua ação se refletir em toda a superestrutura cultural do país. Mas é só no fim do século, quando o proletariado em rápido crescimento assume a vanguarda da luta contra o tsarismo, que a literatura russa pode dar um salto e produzir um Gorki, capaz de ver a sua terra e o seu povo, não de modo escolástico, ou como simples "realidade objetiva", mas como uma realidade em desenvolvimento revolucionário, que atua no presente e se projeta no futuro. Gorki, com o estímulo do proletariado em ascensão, com a ajuda da teoria de Marx, Engels e Lenin, já pode em sua obra lançar as bases de um novo método da literatura e da crítica literária — o método do realismo socialista, esse sim capaz de captar a realidade russa em todos os seus aspectos e na sua ilimitada perspectiva de desenvolvimento.

Nessa grande linha de desenvolvimento da literatura russa do século passado, que parte da ruptura com as velhas formas idealistas e vem dar no realismo socialista de Gorki, a obra de Gogol ocupa um posto distante no passado, mas inegavelmente alto e honroso. Foi ele um dos iniciadores da grande "virada realista" que marcou o rompimento com o velho romantismo idealista e cosmopolita, que por muitos anos impediu o progresso das letras na Rússia. Com o conto "O Capote", em que descreve a vida de um humilde funcionário público esmagado pela miséria e com a peça "O Revisor" (1836), em que escarpela a burocracia tsarista, pondo a nu toda a sua ineficiência e corrupção, Gogol indicou a seus contemporâneos uma fórmula literária nova e passou a ser considerado como o lançador das bases do realismo crítico que iria florescer até o fim do século XIX e é um dos traços característicos da literatura russa daquela época. Dostoievski chegou a dizer, referindo-se à influência causada pela maneira literária de Gogol entre os escritores russos daquele tempo: "Nós todos descendemos de

"O Capote", de Gogol.

Se analisamos mais a fundo essa "maneira de Gogol", que exerceu tanta influência em sua época, verificamos que o seu traço fundamental é a busca da realidade nacional, do espírito e da alma de seu povo, da vastidão e do colorido da paisagem russa. Em "Almas Mortas", publicada em 1842, e escrito sob um tema fornecido por Puchkin, Gogol faz desfilar toda uma galeria de tipos genuinamente russos. São latifundiários ociosos, kulaks e camponeses pobres, funcionários corruptos, gente rica e gente humilde, gente boa e gente má, mas sempre gente russa que, no seu conjunto,

nos permite abranger todo o quadro das relações sociais da Rússia tsarista. Muito embora Gogol não consiga entrever o processo revolucionário já em fermentação nas amplas camadas do povo russo, nem consiga se ligar emocionalmente à tragédia das grandes massas que vivem sob o peso da servidão, os seus pequenos quadros da vida russa são tão vivos e eloquentes que levam o leitor a duvidar da perenidade da ordem existente, a tomar consciência da injustiça social e a olhar com simpatia os pobres camponeses ignorantes que ele movimenta em seu livro. "Almas mortas" é um espelho da sociedade russa do século XIX. Um

## NIKOLAI VASILIEVICH GÓGOL

O estilo simples, desprovido de qualquer preciosismo, retratando o herói humilde e a coletividade, determina, no início do Século XIX, uma tendência que irá se consolidar com Puchkin e Gógol, considerados os precursores da literatura nacional russa.

GÓGOL, ou melhor, Nikolai Vasilievich Gógol, nasceu numa província da Ucrânia em 1809. Iniciou sua carreira literária compondo versos extremamente românticos, que foram muito mal recebidos pelo público e pela crítica. Somente após conhecer Puchkin, e sobre a influência deste, é que se volta para a realidade russa. Sua transformação reflete-se imediatamente na preferência dos leitores e nos elogios da crítica. Dêstes seus primeiros trabalhos, o mais significativo é a sua novela histórica "Taras Bulba", narração dos feitos heróicos dos cosacos, na velha Ucrânia, em suas contínuas lutas contra os invasores tártaros e poloneses. Esta novela ainda se ressentia de romantismo, nas idealizações dos heróis e no exagêro lírico das descrições. Mas vai ser o seu conto "O Capote", imagem fiel da mísera vida de um funcionário de repartição, que o vai colocar na vanguarda do movimento progressista na literatura, merecendo, anos mais tarde, de Dostoievski as seguintes palavras: "Nós todos descendemos de "O Capote" de Gógol".

GÓGOL cuidava muito do aprimoramento da forma, tanto que sua obra-prima "Almas Mortas" foi publicada somente em 1842, após 17 anos de elaboração. Inspirado numa idéia de Puchkin sobre a questão dos servos da gleba, desenvolveu em "Almas Mortas", através de uma comicidade trágica, todo um trabalho de análise de

sua época, mostrando as relações existentes entre latifundiários e camponeses.

NA última fase de sua vida Gógol caiu num doentio misticismo, que o faz enveredar pelos caminhos da decadência. O famoso crítico Bielinski se faz bastante violento, em vista dessa atitude mística e reacionária de Gógol, lhe enviando uma carta, hoje histórica, em que não admite "que o nome de Cristo, ensine o bárbaro latifundiário a arrancar mais dinheiro de seus camponeses", principalmente ele, Gógol, que tinha por meio de seus livros ajudado a Rússia a tomar consciência de si mesma.

A inexpressividade dêstes seus últimos trabalhos não influiu no conjunto de sua obra. E hoje, vamos comemorar em fevereiro o centenário da morte de Gógol, autor de "Taras Bulba", "O Inspector", "O Capote", "Almas Mortas", obras que contribuíram decisivamente para a positividade do realismo crítico no século XIX.

GÓGOL dentro de cenário literário do Século XIX tem uma figura extremamente saliente, e para que compreendamos melhor o valor histórico deste século, recordemos as palavras de Alexei Tolstoi, proferidas em 1943:

"CERTAMENTE, a força da literatura clássica russa do século XIX consistia precisamente em que, ao representar um humilhado e ofendido, se insinuava ao leitor a idéia de uma solução revolucionária, pois ela dizia:

"O Homem foi criado para a felicidade, como o pássaro para voar", e repetiu com Andreiev:

"A palavra HOMEM soa orgulhosamente".

B. P.



espelho que reflete uma realidade tão triste que Puchkin, ao ouvir de Gogol a leitura dos primeiros capítulos do livro, não se conteve e exclamou: "Meu Deus, como é triste a nossa Rússia!"

Mas Gogol não poderia antecipar em sua obra um trabalho que demandou todo um século de literatura e de progresso. A Rússia que êle descreve com tanta arte e humorismo só é triste e sombria porque lhe foi impossível captar, como Gorki, todos os termos da realidade e descrever, ainda como Gorki, todo o desenvolvimento de um processo revolucionário que apenas se iniciava no seu tempo. Faltou a Gogol a perspectiva histórica e por isso os camponeses e os trabalhadores, que ele retratou, os miseráveis funcionários e pequeno-burgueses que desfilam em seu livro são tratados sempre isoladamente e não como classes que se preparam e se organizam para lutar e construir o futuro. Gogol trata os seus personagens com a compaixão filantrópica característica de Dickens ou com o suave humorismo dos que vêem a gente oprimida como simples "humilhados e ofendidos" e não como forças num processo de libertação e desenvolvimento. A Gogol, como a todos os realistas críticos de sua época, faltou o conhecimento da fórmula mais tarde enunciada e aplicada por Gorki e que constitui um dos fundamentos do realismo socialista: "É imprescindível conhecer não apenas duas realidades, a passada e a presente, em cuja criação nós participamos. Precisamos conhecer, além disso, uma terceira realidade: a realidade do futuro".

Foi a incapacidade de prever a realidade do futuro, essa realidade que traz em seu bojo uma enorme carga de esperança e de alegria, que levou Gogol, depois de ter escrito essa obra prima que é "Almas Mortas", a

cair no misticismo e no desespero a ponto de publicar um volume de "Trechos Escolhidos de Correspondência com Amigos", em que dava apóio à ordem tsarista e feudal. A publicação desse livro provocou a maior reação dos escritores progressistas da Rússia, e Bielinski, o maior crítico literário da época, não se conteve e escreveu a Gogol uma carta que, pelo seu conteúdo democrático e nacionalista, é hoje considerada um documento universal. Nessa carta Bielinski consegue recompor a fisionomia do povo russo diante dos olhos de Gogol anuviados pelo misticismo. Diz êle: "A Rússia vê a sua salvação, não no misticismo, não no ascetismo, não no pietismo, e sim no progresso da civilização, da instrução, da humanidade. Ela precisa não de sermões (já os ouviu demais!), nem de rezas (já as repetiu demais!); precisa é de despertar, no povo, o sentimento da dignidade humana, arrastado durante tantos séculos na lama e na imundície; precisa de direitos e leis de acôrdo, não com a doutrina da Igreja, e sim de acôrdo com o bom senso e a equidade". Ao terminar essa grande carta, Bielinski faz um apêlo a Gogol para que retome a sua antiga posição de escritor amigo da liberdade e do progresso. Bielinski apela: "E, para concluir, eis minha última palavra; se você teve a infelicidade de renegar, com orgulhosa humildade, suas obras realmente grandes, deve agora, com sincera humildade, renegar seu último livro e redimir-se do pesado êrro que foi a publicação dêle, através de obras novas que lembrem as antigas".

Gogol, mergulhado no misticismo e num câos mental, morreu pouco depois sem ter tido tempo de atender ao vigoroso apêlo de Bielinski. Mas quaisquer que sejam as contradições de sua obra, Gogol ocupa um lugar de honra entre os escritores russos do

século XIX, entre êsses gigantes da literatura que procuraram refletir em suas obras a vida de seu povo e souberam traçar, como num grande painel, os contornos de toda uma nacionalidade. Foram escritores como Gogol, Puchkin, Tolstoi e tantos outros os artífices do imenso tesouro literário do povo russo, os elementos que criaram as condições para o aparecimento, na era do proletariado e a da revolução socialista, de um gênio da força de Máximo Gorki.

Foi com base nessa herança do passado e nas decisivas contribuições de Lenin, Gorki, Stalim e Zdanov que a literatura soviética moderna pôde se desenvolver e atingir um nível sem paralelo na história. A literatura soviética de hoje, com seu caráter multinacional, com seu profundo conteúdo social e humano, conseguiu realizar o velho sonho dos realistas críticos do século passado — encontrar o "herói positivo", o "homem de verdade", harmonioso e digno, que vive o presente com alegria e encara o futuro com confiança e entusiasmo. Como diz Zdanov, "só a literatura soviética, que é a carne e o sangue da construção socialista, podia tornar-se como realmente se tornou, tão avançada, rica de conteúdo, revolucionária".

Quando neste século temos a felicidade de saudar o aparecimento de uma literatura como a soviética, que expressa a filosofia mais progressista da época contemporânea, de uma literatura que se alimenta das idéias mais fecundas do humanismo e da justiça social, devemos olhar com respeito a obra daqueles escritores do passado que, como Gogol, procuraram se aproximar do verdadeiro, do belo e do humano e contribuíram para o avanço da humanidade no caminho da Paz, da Felicidade e do Progresso.

# SAUDAÇÃO AO EXÉRCITO CHINÊS

ANTONIO APARICIO  
Tradução de LÍGIA MENDES



**N**A região do mundo onde rios amarelos  
como intermináveis serpentes silenciosas  
arrastam para o mar séculos de lentas sombras  
e venenosos pássaros de canto letárgico,  
onde contra o espelho remoto dos séculos  
se levantam os templos de fervor milenário  
como um jorro espesso de escuro fanatismo,  
ali onde muralhas obstinadas e submissas  
à sua missão de séculos  
oprimem e defendem um povo de milhões,  
a guerra lançou seus cavalos de fogo  
sobre os lagos de enfermidades, sobre os pestilentos pântanos  
multiplicados encarniçadamente pelo invasor  
e onde uma criança chinesa agonizava sem interrupção ano após ano.

**N**AQUELE velho e triste país abandonado no mundo,  
abandonado pela fé, onde as próprias flores  
não são mais do que corações enfermos que estendem suas tristezas  
ao jovem caminhante que cruza carregando as suas,  
de súbito uma tormenta, de súbito, logo, agora  
um novo vento faz perder seu vôo às aguias imperiais,  
um rio gigantesco extravasa da furiosa corrente  
e incendeia com suas chamas as vastas regiões da fome,  
os pantanosos campos onde cresciam a superstição e o medo  
derrubando trevas, povoando com sinos  
o silêncio.

**A** sua passagem, os filhos da China  
avolumam seus braços eriçados como fuzis,  
e o Exército Vermelho da China sobre o áspero planalto  
enchendo com seus passos o caminho dos deuses,  
o Exército Vermelho saído das pobres aldeias de palha, fome e ferro,  
que se iluminam com tochas e sonhos estremecidos para sempre.  
É o Exército Chinês saído das casas lacustres,  
saído do cinturão de muralhas que ao termo de mil séculos  
movimentam, erguem, estendem seus músculos potentes.  
Novas vidas, novas lutas, agora novos caminhos  
até à liberdade cuja voz se ouviu uma noite  
entre o temporal celeste e a maré oceânica,  
em meio o incenso angustioso das capelas para os sacrifícios.  
De um extremo a outro, pelas linhas das estradas de ferro  
vertiginosos trens de incontida ira  
levam uma bandeira vermelha que corta como um cavalo a  
[resistência dos ventos]

**É** inútil que o ódio levante suas barreiras de lodo,  
que faça saltar para os caminhos suas alcatéias de bandidos  
que oponha à fronteira do povo uma fronteira de gases;  
na noite das estações, nas ruas das velhas cidades,  
cresce o incêndio, um hino caloroso  
atravessa as províncias invadidas pelas hordas,  
emerge de entre os mares,  
açoita e se multiplica nos bosques  
cruzando os ares com suas vermelhas chamas inabitáveis.  
O Exército Vermelho da China distante e irmã,  
em pé, firme, arma do povo,  
entrega à noite um passado de lenta agonia  
e marcha para as novas colinas, para o dia  
que deixará cair sua luz sobre multidões e cantos.

# ONTEM E HOJE PALAVRAS REDIVIVAS DO SR. JOÃO SAMPAIO

GONÇALVES MACHADO

Quando o tropel das fôrças de Hitler, na invasão da Rússia, assustava o mundo e a aliança daquele país com os povos que lutavam contra a Alemanha se efetuava dentro de um elevado entendimento, aqui no Brasil ocorriam coisas de pasmar. A censura do Estado Novo proibia a publicação de simples informações sobre vitórias das armas da U. R. S. S. e os homens do governo fascista brasileiro tremiam muito mais com a notícia de uma derrota dos alemães em território russo, do que com qualquer vitória deles contra os aliados soviéticos das nações chamadas democráticas. Certa feita, num jornal pertencente à União, o redator incumbido de redigir pequenos tópicos sôbre os acontecimentos do mundo recebeu severa advertência porque, ao noticiar a marcha das hordas nazistas, procurando atingir Moscou, fez esta pergunta irônica: "Quem chegará primeiro, os nazis ou o inverno?"

Depois, evidentemente, as coisas tomaram outro rumo e nem a censura do Dip e nem o verde suspeito do "verde-amarelismo" de certo grupo literário, dirigente da imprensa oficial estadonovista, tiveram fôrças para conter a repulsa dos outros jornais, que noticiavam franca e decididamente as vitórias soviéticas, barrando a marcha dos teutos e iniciando a sua expulsão do território russo.

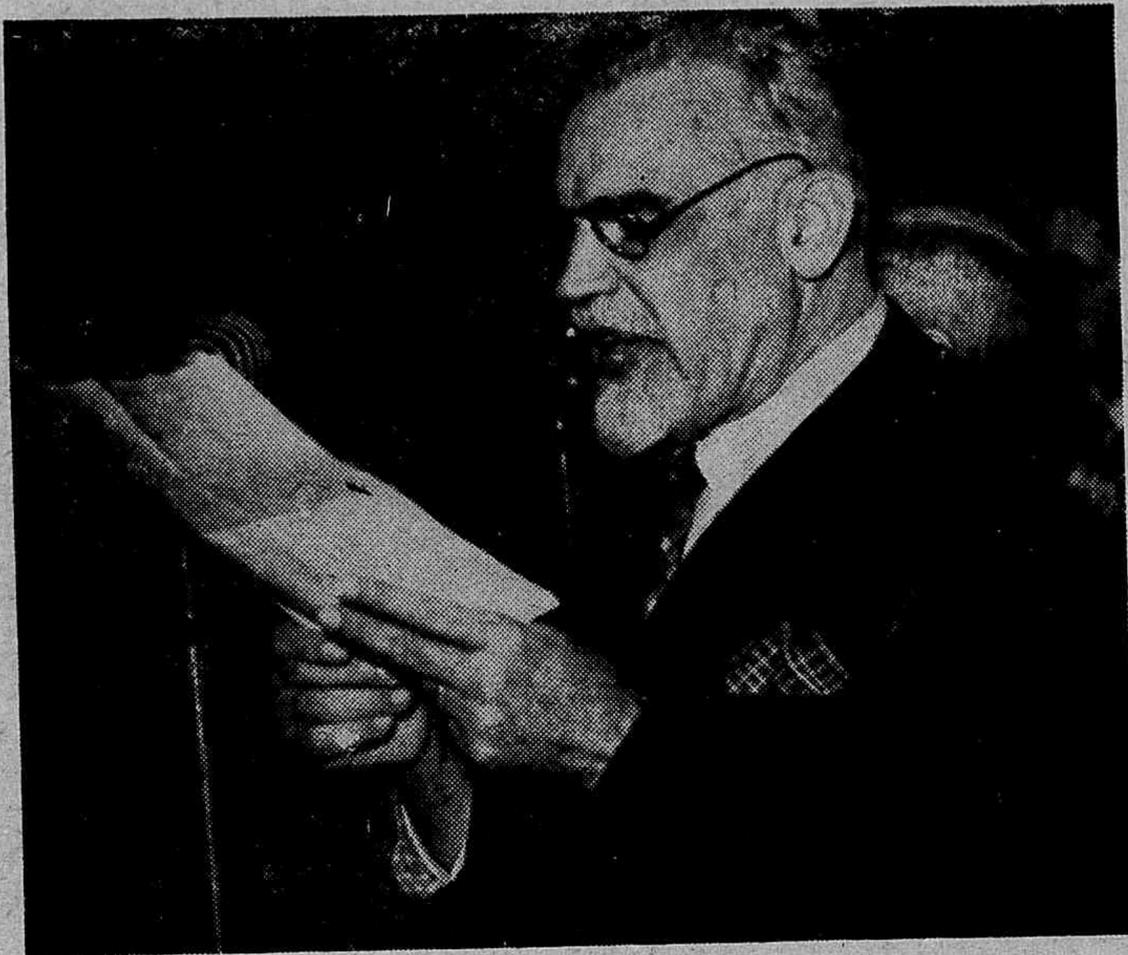
Já aí, alguns dos nossos homens, com parcela de responsabilidade na vida pública da Nação, começavam a ver o que era a União Soviética e a compreender o imperativo do estabelecimento das nossas relações com a pátria do socialismo. Foi quando o sr. João Sampaio, que não vinha de nenhuma célula comunista, mas procedia dos quadros tradicionais do Partido Republicano Paulista, saiu a campo ressaltando a necessidade de o Brasil se entender com a U. R. S. S. Foi no "Correio Paulistano", de 21 de março de 1943, num avantajado rodapé da terceira pagina, que o antigo político perrepeista surgiu, como uma assombração, pondo calefrios de terror na burguesia de Piratininga, com o seu artigo "Rússia", no qual havia trechos como estes:

*"Sómente no decurso da guerra atual os sucessos e as impressionantes vitórias da Rússia vieram despertar a atenção geral sobre a organização soviética, o seu poderio e a sua resistência. Para os iniciados, todavia nada disso era segredo! O rev. Hewlett Johnson, deão de Canterbury, já havia divulgado na Inglaterra a transformação por que passara o comunismo e o que de notável havia constatado durante longa permanência de estudos e observações naquele país. O seu livro "The Soviet Power", editado em 1941, já teve muitas edições, em várias linguas. E mais recentemente o embaixador americano Davies, já citado, sem o entusiasmo do virtuoso sacerdote anglicano, porém com a mesma exatidão, registrou nas páginas do seu interessantíssimo volume "Mission to Moscow", as mesmas observações e o mesmo sucesso da grande experiência soviética."*

*"No terreno político o que existe é uma vasta organização federativa e democrática, do Mar Báltico ao Oceano Pacífico, englobando dezenas de repúblicas, com adminis-*

*trações autônomas, controladas pela União (U. R. S. S.). Há uma diferenciação entre o que concerne às várias regiões e os assuntos que afetam e interessam à União. Os costumes peculiares de cada uma das repúblicas são respeitados. Respeitadas as minorias raciais e reconhecida a variedade de linguas, imperando o princípio da igualdade de raças. Os órgãos representativos do povo são constituídos por eleição. O voto é direto e secreto, estando na base do sufrágio universal"*

*"No campo econômico a orientação nova se fez sentir de maneira ampla e profunda. Para tanto foi necessário começar pelo princípio: guerra à rotina e ao obscurantismo, ou seja — a instrução, espalhada por toda a parte e em todos os graus. Em vinte anos a Rússia passou de ocupante de um lugar humilhante entre países de analfabetos, a um dos grandes países de mais baixo índice de analfabetismo. A preparação técnica tomou desenvolvimento espantoso. Só assim o movimento de industrialização pode fazer progressos tão rápidos e a agricultura entrar em fase de adiantada*



e generalizada mecanização em que se encontra.”

.....  
“Mas constituindo-se assim o maior e o mais poderoso exército do mundo, a U. R. S. S. nunca esteve pensando na conquista de novas terras, na escravização de outras nações, no extermínio de outras raças, na apropriação de riquezas alheias.”

Nesse artigo, de que transcrevemos os significativos trechos acima, há raciocínios e considerações dos quais se pode dissentir, mas o alto objetivo que êle visa — o estabelecimento de relações entre o Brasil e a União Soviética, êsse ressalta eloquentemente e vivo, cheio de lógica, do trecho final:

“E’ necessário, portanto, que reatemos as nossas relações comerciais e políticas com êsse grande país e procuremos melhor conhecê-lo. Uma escolhida missão di-

plomática, formada de homens capazes e sem os preconceitos da arcaica diplomacia, deveria cuidar da nossa aproximação. Na reconstrução do mundo sob novos ideais, que há de vir com a paz por que lutamos, o Império Britânico, os Estados Unidos, a União Soviética e a China formarão os quatro pilares fundamentais. E se o Brasil aspira concorrer para o equilíbrio do edifício magnífico, não é sóbrio fechar-se numa atitude suspeitosa e de afastamento, que deverá ser abandonada, para que possa ser recebido, no concerto das maiores potências — com a honra a que faz jus pela sua grandeza.”

Agora, de novo, o nosso País está de relações diplomáticas cortadas com a União Soviética, em consequência de razões que a inteligência não

compreende. Se a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte, principalmente êste, não procedem da mesma maneira, é bem de vêr-se que o gesto do Brasil, rompendo com a U. R. S. S., depõe contra a nossa cultura política e revela uma inépcia sem precedentes na história diplomática do mundo. E o sr. João Sampaio, que foi deputado, senador estadual e ainda atualmente serve ao seu velho partido na Câmara de Vereadores da Capital, não pode ser acimado de suspeito porque, naquele seu tão oportuno artigo dos idos de 1943, escreveu estas palavras, hoje redivivas, diante do herculeo esforço de paz que a União Soviética desenvolve:

“E’ a mesma Rússia que os homens de Berlim apontavam ao mundo como a anteaça de destruição dessa nossa civilização, que a está salvando”.

## OS JOVENS IANQUES

“A juventude de hoje, espera a mão do destino para lançar-se na vida; enquanto isso, trabalha duramente sem dizer nada. O fato mais espantoso quando se fala da nova geração americana, é o seu silêncio... Ela não publica manifestos, não faz discursos, não prega cartazes. Tem sido chamada a GERAÇÃO SILENCIOSA. Mas o que significa este silêncio? O que êle esconde? Ou serão surdos os mais velhos?” Assim fala o semanário americano “TIME” num balanço que publicou (nov. 5-1951) da situação da juventude no paraíso de Truman. Só estas palavras seriam suficientes para condenar um sistema de governo que tem como base a opressão, o embrutecimento da consciência dos cidadãos. Mas continuemos no relatório da revista:

“Eles são graves e fatalistas. O “negócio da Coréia” é o fato dominante na vida da juventude de hoje. A mão do destino... tem perturbado o desenvolvimento do jovem americano desde 30 com a crise e a guerra. O medo da crise passou a segundo plano; o medo da guerra continua. Os que estiveram na guerra e se defrontam com uma nova convocação, e os que podem ser chamados no fim de seus cursos escolares, sabem que poderão ter que enfrentar nova catástrofe antes de envelhecer. Ouçamos suas opiniões apanhadas numa reunião escolar rotineira:

— Nós estamos decepcionados com o caso da Coréia porque ninguém sabe o que será o dia de amanhã — entrar para o exército ou o que?

— O que é que adianta? Eu tinha só começado e pronto! já me pegaram!

— E’ muito arriscado casar — diz uma moça quando você não sabe no que vai dar. Pode ser que o seu marido seja mandado para a Coréia ou não sei onde e pronto — você está bem arranjada.

— Com um filho para criar, talvez.

— Não! o melhor é arranjar um emprego e esperar.

— Esperar... isto é que é o pior, afinal!”

“TIME”, analisando o “fatalismo” da pobre juventude americana, é forçado a constatar no seu cínico objetivismo:

“Ninguém quer ir para o exército; há muito pouco entusiasmo pela vida militar e menos ainda pela guerra. Os jovens não falam como heróis.”

Mas conclue com uma afirmação que vale como relatório dos resultados de uma propaganda criminosamente conseguida, agindo homeopaticamente durante anos, embrutecer por completo varias gerações:

... “não existe aquele sentimento contra a guerra, sistematizado e sentimental que caracterizou a década de 20. O pacifismo quase desapareceu desde a II guerra mundial. Alguns observadores acham que isto é um sinal de passividade...”

Representantes dessa juventude embrutecida pelo ópio de uma propaganda que tem por fim transformá-la num bando conformado, dócil instrumento da política guerreira do imperialismo, de vez em quando desabrocham como protagonistas de crimes hediondos e inexplicáveis. Na América do Norte, os pais temem os filhos jovens, o terror invadiu a família; tantos

são os crimes, a delinquencia juvenil tão brutal e variada. Cada jovem é um “tarado” em potencial forjado nas histórias em quadrinhos, nos romances policiais, nos filmes de Hollywood, nos anúncios de Coca-Cola, que os preparam para a guerra...

O que pensa este tipo de jovem, de sua carreira, por exemplo? Quais os seus planos para o futuro?

“Num domingo ensolarado, não há muito, o professor de Sociologia Carr B. Lavell, da Universidade George Washington, foi pescar junto com um de seus alunos. Dos mais brilhantes alunos: presidente da classe, um dos maiores homens de toda a Universidade, evidentemente dono dum futuro brilhante no ramo que escolheu — medicina. Porque ele foi para a medicina? — perguntou o professor. Resposta: a medicina pareceu-lhe mais lucrativa. O que pretendia como médico? Fazer a especialidade que oferecesse maiores lucros. Achava ele que o médico devia um serviço à sociedade? Não! “Eu sou igualzinho a qualquer outra pessoa, respondeu o estudante. Só desejo preparar-me o suficiente para tirar da vida o maior proveito possível. Tenho a esperança de poder ganhar bastante dinheiro em pouco tempo de tal maneira que possa me aposentar em dez anos e então fazer o que me agrada.” E o que mais lhe agrada fazer? “Oh, disse o brilhante jovem, pescar, viajar, viver folgado”. E os dois pararam de falar porque um peixe beliscou o anzol do jovem!

E por aí vai o relatório do “TIME”. Para cada caso há uma justificativa — aqui é o desejo de “segurança”, ali é o “espírito gregário”. Para nós tudo indica que a juventude americana está estratificada na lama gerada pela decadência da sociedade capitalista.

## A PETROBRÁS TRANSFORMARÁ EM REALIDADE OS DESEJOS DA STANDARD

O gal. Valério Braga pronunciou no dia 14 de Janeiro, na Associação Beneficente das Classes Laboriosas, uma conferência sobre a questão do petróleo brasileiro, patrocinada pelo Centro Paulista de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. As palavras incisivas pronunciadas pelo ilustre general de nosso exército, de tão longas tradições democráticas, vêm ainda uma vez alertar a opinião pública sobre o desastroso efeito que terá a política entreguista desenvolvida pelo governo, que culminou com a apresentação ao Congresso deste subversivo projeto de criação da Petrobrás.

Os dados apresentados pelo general em sua conferência são verdadeiramente impressionantes e foram todos compilados de publicações oficiais ou obtidos em observação direta nos campos petrolíferos brasileiros. Prêsa de patriótica indignação contra aqueles que pretendem entregar aos trusts toda a obra já realizada em matéria de petróleo aqui no Brasil, o conferencista deslindou a trama de interesses antinacionais que está encoberta no palavrório técnico do projeto de Vargas.

### O que pretende a Standard Oil

Todo o considerável acervo de realizações e conquistas que, em matéria de petróleo, pudemos reunir graças aos esforços e sacrifícios imensos de bra-

# EM PERIGO O PETROLEO BRASILEIRO

Conferência do Gal. VALÉRIO BRAGA num resumo de Fernando H. Cardoso

sileiros dedicados — está sob a ameaça de ser entregue aos trusts através da Petróleo Brasileiro S/A, sociedade de economia mista na qual os monopólios estrangeiros penetrarão facilmente. O projeto da PETROBRÁS, realmente, foi feito de forma a atender às reclamações de um certo sr. John Sunan, diretor da Standard Oil Co. de New Jersey, feitas numa conferência sobre «O petróleo do Brasil», publicada pela Revista Esso n. 143, de julho-agosto de 1951.

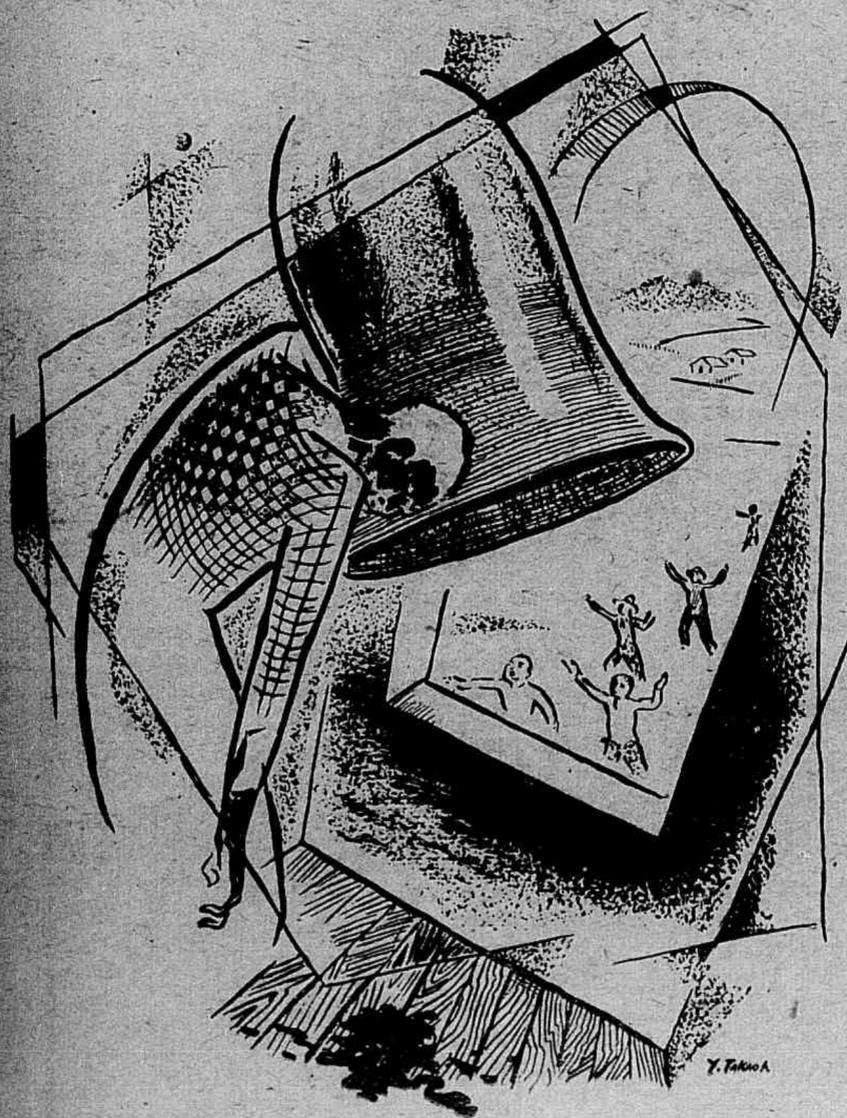
Este diretor pretendia, nem mais nem menos, o seguinte:

1. garantia dos títulos de propriedade ou dos direitos adquiridos;
2. direção de suas próprias operações;
3. obter um lucro razoável do empreendimento.

E o projeto de criação da Petrobrás fornece os meios para a consecução de tudo que Mr. Sunan exigia. Vejamos:

### 1. Direitos adquiridos

Pelo art. 4º do projeto «a União subscreverá a totalidade das ações que constituem o capital inicial da sociedade e para sua integralização disporá dos bens e direitos que possui, relacionados com o petróleo, inclusive jazidas de petróleo, de rochas betuminosas, pirobetuminosas de gases naturais». Cederá, pois, aos acionistas da «mista brasileira» seus direitos sobre o subsolo, e como pelo item 4º do art. 13 do projeto as pessoas jurídicas do direito privado, brasileiras, podem ser acionistas, isto é, a Standard Oil of Brasil, a Caloric of Brasil, a Esso of Brasil, e todas as subsidiárias que os trusts quei-



# R E G I Ã

De um livro inédito de ORTIZ MONTEIRO  
Ilustração de Y. TAKAOKA

*NINGUEM* tinha coragem de ajudá-los. A lei estava do lado do novo fazendeiro, homem de muitas indústrias na cidade, com um filho deputado, e que, nos últimos sermões do senhor vigário, vinha sendo apontado como padrão de devotamento religioso, porquanto cultivava o bonito costume de andar de opa nas procissões, de expressão muito piedosa e digna, a despeito do perfil e do andar de seriema.

O caso estava sendo dado como perdido, porque o novo senhor de todas aquelas terras, além das referidas vantagens, tinha obrigado os meeiros, logo no dia em que tomou posse da fazenda, a apertar o dedo, sujo de tinta roxa, nas páginas de um livro grande, encapado de pano, que o escrivão abria, cada vez que o administrador berrava o nome de um dos camaradas reunidos no terreiro.

Os caboclos andaram, inutilmente, dias e dias pela cidade, as mulheres atrás, com os molecótes, muito encardidos, espianando de olho comprido as vitrinas das lojas. Os advogados balançavam a cabeça. Não valia a pena. E depois, o advogado que tentasse uma só medida, uma que fosse, contra um homem tão considerado, nunca mais receberia procuração da gente boa da cidade. Ficaria marcado.

Foi então que aquele advogado nordestino, tão ridicularizado pelos colegas bem nascidos, falou com o juiz e expôs a

fundamentos

ram organizar como pessoas jurídicas do direito privado, brasileiros do tipo «of Brasil», a União cederá aos trustes direitos relativos ao nosso sub solo que possui.

Nem mais nem menos que a alieação de nossa soberania queriam os trustes e isto lhes foi dado pelo projeto da «Petrobrás».

### 2. Direção de suas próprias operações

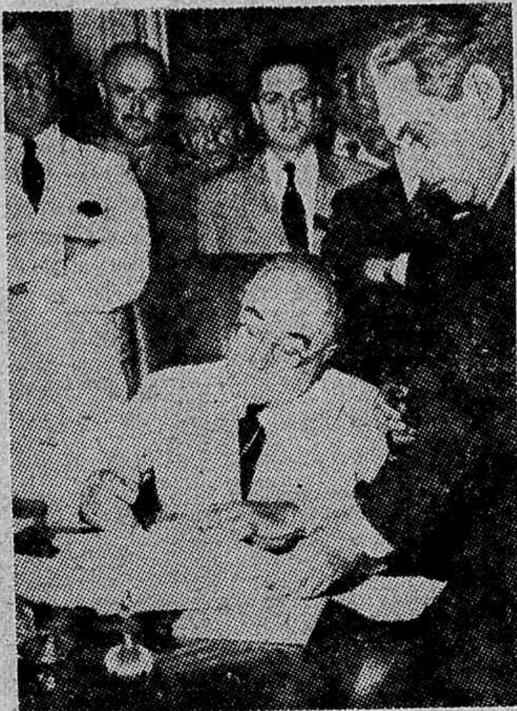
O artigo 13 dá direito de voto a estas mesmas pessoas jurídicas de direito privado (aos trustes), que poderão eleger 2 diretores estrangeiros (parágrafo 3º do art. 14) que irão constituir a Diretoria executiva, cujos membros não precisam ser brasileiros. As pessoas físicas também podem eleger diretores, mas sabemos que nas sociedades organizadas por ações os que possuem fortunas grandes, os trusts, sempre arranjam testas de ferro, através dos quais elegem seus prepostos.

Além do mais, como já, disse o general Carnaúba, a sociedade pode emitir obrigações ao portador (debentures) até ao dobro do capital integralizado (art. 12) e os estatutos determinarão as condições em que as obrigações poderão ser convertidas em ações, respeitados os limites da lei. Ora, a lei refere-se apenas às ações ordinárias, não havendo restrições para as ações preferenciais que poderão dar direito de voto, conforme a Lei das sociedades por ações, art. 11.

E' bem possível que as obrigações se convertam, parcial ou integralmente em ações preferenciais consoante o estatuído no parágrafo 2.º do artigo

3º: os aumentos de capital poderão dividir-se, no todo ou em parte, em ações preferenciais. Quem impedirá então que os trustes se apoderem da maioria das ações?

E como a indústria do petróleo nos



Getúlio Vargas, como nos velhos tempos, assistido por Lourival Fontes, assina a mensagem ao Congresso que criou a PETROBRAS

EE. UU. é considerada de máxima importância para a defesa nacional, o Departamento de Estado passará a se interessar pelas atividades das empresas em que o capital americano esteja investido, como já afirmou o sr. Odilon Braga, e influirá até na escolha de seus presidentes.

«Sob este aspecto, nós passaremos a ser considerados como uma espécie de colônia dos Estados Unidos».

### 3. A oportunidade de obter lucros razoáveis no empreendimento.

Depois que na Bahia chegamos ao ponto de poder em breve tempo e com o dispêndio de apenas mais dois ou três bilhões de cruzeiros encontrar, entre o campo de D. João e o de Pedras, enormes quantidades de petróleo, que darão para abastecer o mundo por muito tempo; quando já tivermos corrido todos os riscos da pesquisa, então os trustes provarão que ; indispensável a aumento de capital da Sociedade, instalarão a subsidiária a que a sociedade vai associar-se (art. 17), e comprarão o máximo de ações que puderem.

Avaliamos todo o imenso patrimônio que temos em matéria de petróleo incluindo o xisto e o petróleo de nosso sub solo, pela ínfima quantidade de 2,5 milhões de cruzeiros, avaliamos baixo, incrivelmente baixo coisas que não tem preço, de tão valiosas, para termos de ainda entrar com 7,5 milhões na integralização do capital inicial. Com esta avaliação lesiva teremos de dar estes 7,5 milhões para a «mista» fazer pesquisas!...

E depois de tudo pronto, com o pe-

# O A F O G A D A

situação. Acontecia que o preço do arrendamento das terras nunca tinha sido tão alto, e a enchente, embora bem menor do que a do ano anterior, havia prejudicado grandemente a colheita. E todos sabiam que o pouco arroz, que os meeiros haviam salvo das águas, já havia sido arrecadado pelo fazendeiro. Restava, pois, um saldo devedor tão pequeno, que não seria humano permitir o leilão dos últimos bens dos trabalhadores.

— Pode não ser humano, mas é a lei, esclareceu sua excelência. E foi bom o senhor ter falado nisso. Para evitar surpresas vou conceder força ao oficial de justiça encarregado da arrecadação.

\* \* \*

Quando o oficial de justiça, acompanhado da tropa de soldados, desembarcou no terreiro circundado de choças, onde residiam os meeiros, a manhã vinha nascendo, com o ar lavado, cheirando capim. Canarinhos de cabeça de fogo, em grandes bandos, passavam rápidos feito balas, cantando como doidos.

Um sargento formou a tropa e ficou aguardando que o oficial de justiça terminasse a leitura de um longo papel, assinado pelo doutor juiz. Os arados, as carroças, os animais, o porco grande, que várias famílias, com tanta esperança, vinham engordando de sociedade, tudo, tudo deveria ser entregue ao depositário nomeado por sua excelência, até o dia em que fosse realizado o leilão.

Os caboclos empalideceram, mais de indignação do que de medo. Mas, ninguém disse nada, ninguém resistiu. Somente o menino José é que mordeu as mãos de um soldado, que tentava, com violência, colocar o cabresto na cabeça pelada do burro Pagode, um animal velhíssimo, que não prestava para

mais nada, a não ser de brinquedo do menino, que o queria bem como a uma pessoa da família.

O burro agitou-se. Cobrando a sua antiga energia, do tempo em que ele, esperto como um coelho, pinoteava, atoa, pelos campos, balançou o corpo e varou pelo meio dos soldados, ganhando a extensão dos pastos.

O sargento formou de novo a tropa, e, depois de severas instruções, trilou o apito. Os homens atiraram-se, com determinação, pelo campo. Levou horas a grande luta contra o burro Pagode. Os milicianos corriam todo o pasto, entricheirando-se, por vezes, atrás dos cupins. O oficial de justiça dava grandes brados, vibrando na mão o longo papel assinado pelo doutor juiz de direito da comarca.

Pagode foi caçado e surrado, depois de exausto. Em seguida, os soldados amarraram o animal na trazeira do caminhão e o foram arrastando pela estrada. O burro ainda resistia, arfante, olhando para trás, apelando para o moleque José, que soluçava, num desespero; contido pela mãe.

\* \* \*

Com o corpo semi-erguido na esteira, um trabalhador tinha passado a noite pensando na grande desgraça que era a sua vida, e pensando, sobretudo, na vergonha desse dia, em que os soldados haviam surrado o burro Pagode, sob as vistas do seu filho José, sem que os caboclos pudessem fazer um gesto.

O trabalhador contempla a família, dormindo agarrada, sem uma coberta, com trapos disformes mal cobrindo o corpo. Então, de repente, voltam aos seus ouvidos as palavras de Gregório, o filho do domador Virgílio, que compreendia as letras dos jornais; e que, um dia, engajou-se no circo americano que esteve na cidade, levado pela ansia de correr mundo e saber coisas.

troleio na torneira, os trustes entrarão com o seu capital e montarão, se já não a tiverem feito antes, a subsidiária, e a esta altura terão até a posse do direito que posuímos sobre o nosso sub solo (art. 4º) em matéria de petróleo e xisto. E nós continuaremos a pesquisar, depois de termos gasto bilhões na integralização do capital da sociedade, de termos assegurado a oportunidade de se obter um lucro razoável do empreendimento.

Sob a questão dos lucros o snr. Sunan deve estar contentíssimo. Foram satisfeitas e plenamente as suas sugestões.

É o que ninguém compreende é que o governo que para organizar a sociedade mista cria uma série de impostos, sobre o combustível e sobre o transporte, que encarecerão o custo da vida, e depois de gastar Cr\$ 9,5 bilhões, vá... desinteressar-se pelo lucro da empresa!

É o que diz o artigo 15 do projeto: «Somente quando as ações em poder do público, das entidades paraestatais, dos municípios, do Distrito Federal e dos estados auferirem dividendos de 8%, será atribuído ao capital integralizado pela União» (...) e a mensagem que acompanha o projeto diz textualmente: «desta maneira o risco da pesquisa recairá praticamente sobre o capital integralizado pela União».

Como os lucros fabulosos que puderem ser obtidos irão para a empresa a que a União se associará, e estas empresas nunca deixarão chegar a 8% a parte que vier a caber à direção da sociedade, fica positivado que a nós ca-

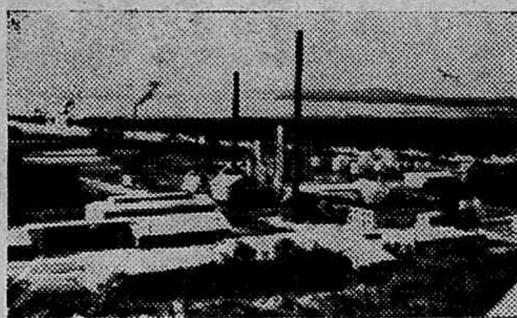
berá, generosamente, o risco da pesquisa...

Positivamente não é nacionalista a solução contida no projeto ora em curso na Câmara Federal.

#### Monopólio Estatal, única solução possível

O general Valério prossegue historiando nossas realizações no que toca ao petróleo, frisando sempre que tudo o que temos é fruto do esforço de nosso povo, construído por técnicos brasileiros perfeitamente aptos, e que tudo nos custou muito caro e governo algum poderá «sacrificar o destino do Brasil numa sociedade por ações, de que podem fazer parte e em situação excepcional, até os trusts estrangeiros».

«Chegamos até a estaca 80 sem auxílio de nenhum capital privado, nem



Refinaria de Petróleo de Mataripe com capacidade para 2.500 barris de petróleo em bruto por dia.

nacional nem estrangeiros; não é lógico que o governo venha, agora, sustar a marcha nacionalista normal que encaminhava para a melhor solução. «O problema foi iniciado em bases nacionalistas e só pode ter seu próximo desfecho nessas mesmas bases.»

Só através do monopólio do estado, sem preocupação de lucros e dividendos, o povo terá compensação dos enormes sacrifícios que fez. «É a solução ideal e a única justa, porque é a que beneficia o povo, que terá o produto por menor preço, sem ser sobrecarregado de impostos».

Temos técnicos competentes e temos capitais suficientes, como o próprio projeto Vargas mostrou, para a exploração de nosso petróleo. Precisamos, porém, antes de tudo, «nos armar com leis substantivas necessárias à proteção dos nossos minerais em geral e mui especialmente daqueles que interessam à própria defesa nacional».

A esta altura dos acontecimentos não é mais possível entregar nossas riquezas minerais a nenhuma empresa de economia mista, igual a tantas outras espalhadas pelo mundo, cuja dura lição histórica se acha recolhida em vasta literatura. Elas têm sempre um programa de ação que é executado em três tempos:

1º tempo: organização da Sociedade com a participação dos capitais do governo, dos particulares e dos trusts.

2º tempo: desmoralização dos técnicos nacionais, contra os quais é desencadeada uma tremenda campanha, custeada pelos lucros enormes de uma empresa subsidiária, fortemente protegida por políticos em evidência e por

O administrador vivia repetindo que o serviço de Gregório, no circo, era enrolar um tapete, vestido de paletó vermelho, para que o palhaço, um palhaço burro que não sabia nem uma palavra de brasileiro, lhe desse pontapés no trazeiro, enquanto os moços das cadeiras reservadas escangalhavam de rir. Isso, porém, era o que dizia o administrador, sujeito ruim, de mão macia feito mão de mulher perdida. Mas, trabalhador algum acreditava naquilo, porque todos sabiam que Gregório tinha boa cabeça, e era capaz de ler qualquer letra dos jornais, mesmo as pequeninas.

Naquele instante a voz de Gregório tinha tomado toda a casa, adquirindo um sentido perfeitamente compreensível. O caboclo sente necessidade de comunicar a sua descoberta. Levanta-se. Chega perto da família. Coloca a mão no ombro da companheira e a sacode, de leve, para não acordar o menino José, que custa tanto para pegar no sono, chorando a falta do burro Pagode. A mulher abre os olhos, estremunhada inicialmente, para ir ganhando interesse, num crescendo, até parecer inteiramente feliz, enquanto o marido repete as palavras tranquilas do mulato Gregório:

— Tá perto o dia em que os trabalhado vão tê um pedaço de terra prá prantá, com uma casa de tijolo, sem buraco nas parede, com uma horta cheia de verdura, as galinha ciscando no terrêro, um galo vermêio pra cantá de madrugada, e um cachorro esperto prá corré os mato, nos dia santo...

O dr. Tertuliano, o advogado nortista, apaixonara-se pelo caso dos meeiros. Os trabalhadores faziam voltar à sua memória as imagens ressequidas de pessoas de sua família, que os fazendeiros do Ceará expulsaram da terra, sem um punhado de farinha, sem uma lasca de carne, mortos todos na caatinga, ao imigrarem para o sul, em ano de seca espantosa, em que o sol, de tão quente, botava fogo no chão.

Lembrando todas aquelas cenas doloridas, é que ele procurou o advogado do fazendeiro, para propor uma fórmula que permitisse aos caboclos reter as carroças e os burros, pelo menos, para que pudessem fazer carretos na estação.

— Pelo menos... pilherou o prestigioso causídico, rodando a mão sobre o peito, naquele seu gesto característico, que tanto poderia servir para fazer o nome do padre, como para tirar a carteira dos que estivessem mais próximos.

— Exatamente as carroças e os burros é que mais me interessam, segredou o notável advogado. Eu tenho uma chácara nas proximidades da cidade, onde esses bens poderão ter utilidade. E, depois, o senhor sabe como são os leilões. Conhecendo a engrenagem, a gente fica com tudo, por meia dúzia de cruzeiros...

\* \* \*

Após essa conversa, o dr. Tertuliano resolveu fazer um sacrifício. Ele depositaria a importância da dívida e mais as custas do processo, para poder requerer o levantamento dos bens.

— Não dá mais tempo, atalhou, com impaciência, o juiz. O leilão está marcado para amanhã, e as custas levam tempo para que sejam calculadas...

— Está aqui a conta, e a petição também. Se o meretíssimo despachar, haverá tempo, ainda hoje, de extrair o mandato.

O juiz levantou a cabeça, visivelmente irritado. O gesto, contudo, permitiu que ele visse o povo, que tinha entrado em silêncio e que lotava todo o gabinete.

Ali estavam os homens da terra, que vinham reclamar os seus instrumentos de trabalho. Ali estavam as suas heróicas mulheres, que jamais souberam o que fosse descanso. E os meninos, barrigudinhos, alguns com seus cães, uns miseráveis animais, de olhar humano, que acompanhavam a conversa entre o advogado e o juiz, dobrando a cabeça para um e outro lado.

Sua excelência sentiu a decisão no olhar de toda aquela gente. Baixou, de novo, a cabeça, e despachou a petição.

\* \* \*

O primeiro a chegar no pasto onde estavam depositados os arados, os burros e as carroças, foi o menino José.

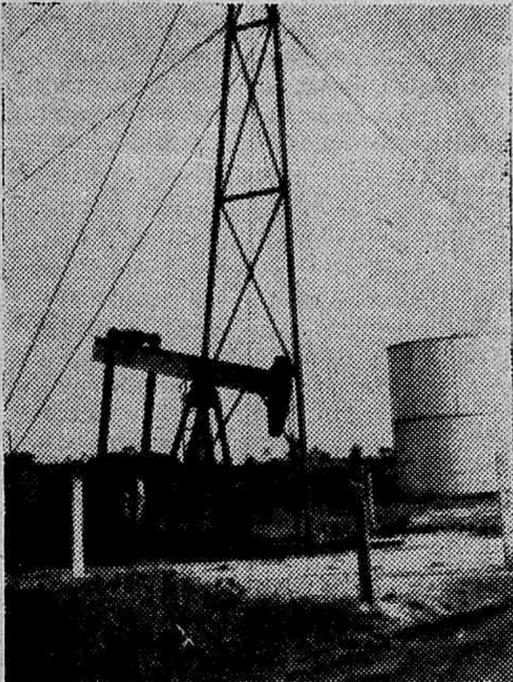
Lá estava o burro Pagode, naquele seu jeito parado, sob uma árvore. O menino subiu na cerca e fez um ruído com a bôca. O burro ganhou vida, e veio, galopando, até ele. Sem

grandes capitalistas nacionais.

3.o tempo: domínio completo do negócio pela subsidiária.

Entretanto o Brasil não é um país que desconheça suas possibilidades e seus direitos. Prezamos nossa soberania e saberemos defender-nos.

O general Valério Braga terminou encarecendo a necessidade de planejamento econômico afim de que possamos assegurar a prosperidade nacional.



Poço de Petróleo de Candeias

# LEIA ASSINE DIVULGUE

## fundamentos

assinatura anual cr\$ 50,00

esperar por mais nada, correu para a fazenda. José, ora assobia, ora ri, montado em pêlo, no lombo do burro. Pagode corre, cada vez mais lépido, compreendendo que voltava para casa.

No terreiro da fazenda, encostado no paiol de milho, onde costumava dormir, submerso na palha, o menino encontra o negro Jeronimo, aquecendo-se ao sol, como sempre. O negro velho se coça de contente, ouvindo a notícia. Ele tinha feito rezas, pela derrota do fazendeiro. Agora, não sabendo mais o que fazer, de tanta alegria, ele sobe na torre da igreja, abre tôdas as janelas, e toca o sino, como nunca em sua longa carreira de sineiro, numa perfeição, num delírio de vitória.

Os camaradas que tinham ficado na fazenda, arando o campo, param os bois. As mulheres saem até às portas das casas. Os vaqueiros abandonam o gado. As crianças fogem da escola.

De cima da torre, Jeronimo vê o povo afluindo, de todos os lados, em direção à sede da fazenda.

O fazendeiro, sobressaltado, interrompe o seu passeio e volta para casa, para saber o que significa aquele sino, ecoando no espaço, àquela hora da tarde. Quando chega no terreiro, vê o povo que se abraça, contrariamente aos hábitos sertanejos, numa efusão jamais experimentada antes.

O homem desce do cavalo. Pergunta o que há. Depois, com o chicote, vai afastando os trabalhadores e entra em casa.

O povo canta no terreiro. O sino, em delírio, o conturba. O fazendeiro sente-se desafiado.

Nas janelinhas da torre da igreja, a cabeça de Jeronimo, alva, de algodão, está bulindo como um lenço. O fazendeiro não pensa mais. Apanha a carabina, mira, demorado, e detona.

Atingido na nuca, Jeronimo abraça-se ao sino, como se abraça um amigo de toda a vida, na hora da agonia. O sino toca, ainda algumas vezes, com o negro pendurado.

Os trabalhadores cesam os cantos, estarecidos.

Quando voltam a si, correm todos até a igreja. Alguns sobem as escadas da torre, para socorrer o companheiro.

O negro estava morto. O melhor negro do mundo, que contava histórias, que fabricava arapucas para as crianças, que repicava o sino como ninguém.

Por momentos, vacilam os camaradas. Duas tarefas, igualmente importantes, se impunham ao espírito de todos. Eles sentiam o dever de cuidar do corpo do companheiro, e a obrigação de castigar o fazendeiro. Mas, rapidamente, tomaram uma decisão. Resolveram lavar e vestir o amigo morto, para transportá-lo até a cidade.

O negro, porém, não tinha roupa.

Alguem lembrou que Jeronimo sempre sonhara com um terno branco. Quem teria uma roupa assim?

Um jovem trabalhador, casado há pouco tempo, faz um oferecimento. O povo o contempla, emocionado.

Jeronimo é lavado e vestido. Nunca estivera tão bonito. No seu terno branco, parecia sorrir.

Os camaradas mais fortes colocam o negro em uma rede e o conduzem, rumo à cidade. Passam a porteira. Ganham o caminho em aterro, construído por entre as baixadas, onde se sucedem as olarias. Mais adiante, alcançam a ponte.

Já na outra extremidade da ponte, encontram os companheiros que vinham, em festa, dirigindo as carroças reharidas.

Quando a notícia foi transmitida, houve um silêncio. Os carroceiros tiram os chapéus, descem todos, e colocam o corpo de Jeronimo na primeira carroça. Em seguida, vão voltando os animais, para atravessar a cidade, em cortejo, numa última homenagem ao camarada morto na luta.

\* \* \*

Por detrás da extensa fila de carroças que rodam ritmadas, principia a escurecer o sol. As primeiras estrelas já estão bulindo por sobre a serra.

Na distância, bem além das várzeas, um grande incêndio ilumina a sede da fazenda. O paiol de milho, atulhado de espigas e de palha, era, agora, uma brasa enorme. Os trabalhadores haviam ateado fogo no velho rancho de pau a pique, depois de terem deitado sobre a palha, atado de mãos e pés, o senhor de tôdas aquelas terras.

# JORNALISMO E CRIAÇÃO LITERÁRIA

MARIETA CHAGUINIAN

É comum ouvirmos jovens escritores se queixarem de seu trabalho como jornalistas: «Toma muito tempo! Esgota a imaginação! Não abre caminho para a grande criação artística!» Será verdade? A experiência de uma longa vida profissional provou-me o contrário. O jornal exerce uma enorme influência que nos ajuda a disciplinar as forças; e proporciona, mais rapidamente que o livro muito do que pretendemos com o trabalho literário.

Há 48 anos que escrevo em jornais. Meus artigos começaram a ser publicados em julho de 1903. Eu passava o verão desse ano em Guelendjik, pequena vila do litoral do mar Negro onde não havia nenhum passeio a fazer, a não ser na praia. E a praia estava atravancada pelos depósitos de madeira dos comerciantes gregos Levitis. Os veranistas se indignavam e protestavam. Fizeram mesmo uma queixa contra os Levitis, que o juiz de paz terminou condenando a desocupar a praia. Mas os Levitis souberam controlar o chefe de polícia. O verão passava e o depósito continuava no lugar.

Já soprava, nesta época, o vento da primeira revolução. Os jornais, sobretudo os da província, pintavam-se de liberalismo. Um belo dia, o velho carteiro que nos trazia o jornal, «O LITORAL DO MAR NEGRO», me disse: «Eu soube que a sra. escreve pequenas poesias. Maltrate um pouco os Levitis; eu levarei os versos para o jornal». Imediatamente escrevi um pequeno poema satírico intitulado: «Ares de Guelendjik» no qual ridicularizava os responsáveis pelas incúrias locais, sem esquecer o depósito de madeira. O jornal publicou meus versinhos. O efeito foi inesperado pois todo o mundo ficou sabendo que tinham sido escritos por uma moçoquinha de 15 anos. Os moleques começam a correr atrás dos Levitis e com suas graçolas de mau gosto, tantas fizeram, que o depósito desapareceu. Fiquei admirada da força da palavra impressa. Quatro linhas em um jornal tinham tido mais efeito que o julgamento de um tribunal.

Os Levitis quiseram me conhecer. Habitamo-nos a ir a bailes juntos e discutir sobre arte. Eles eram de opinião que a arte não devia se preocupar com ninharias, que a poesia devia se inspirar no Belo e não num depósito de madeiras. Abri os ouvidos quanto podia e mandei para o jornal um segundo artigo no qual eu descrevia as belezas da natureza, o luar na praia e o canto do rouxinol muito embora nunca alguém tivesse ouvido um rouxinol em Guelendjik. Não havia uma só árvore em toda a região...

Dentro em pouco, volta o velho carteiro com meus versos, sob os quais escrevera: «Deixe de ser fiteira». Foi um choque, o primeiro insucesso literário. Mas compreendi que as palavras, ainda que belas, para serem compreendidas e produzirem efeito devem exprimir a realidade e a vida. E pela primeira vez senti manifestar-se em mim esta experiência espiritual que chamo a responsabilidade moral da profissão de escritor, a noção de que a palavra escrita é uma arma que dentro da consciência nós nos propomos utilizar para o bem da sociedade.

Um tal sentimento não podia se desenvolver na imprensa burguesa pré-revolucionária. Muito ao contrário, estava condenado a se estilar, se desnaturar, nestes tempos de irresponsabilidade literária. Só a revolução de outubro, criando pela primeira vez no mundo, uma autêntica imprensa de massa, permitiu elevar a um alto nível esta concepção da palavra escrita em sua qualidade de arma.

Entre nós este sentimento nasce e se cultiva no contacto entre o escritor e o leitor, no julgamento do povo sobre a palavra impressa. Na U. R. S. S. esta reação se produz com uma velocidade incrível, no mesmo dia, e é por isso que o trabalho em nossa imprensa tem uma importância excepcional para o escritor. O livro não oferece este contacto com o leitor, a não ser muito mais lentamente e de maneira muito menos direta que o jornal.

Muitos jornalistas conhecem também uma outra particularidade de seu trabalho. Seguem em geral, tôdas as meandros do artigo. Desde corrigi-lo e relê-lo, até uma nova leitura nas primeiras provas e nas provas de página.

Pareceria bastante. Entretanto, eis que ele aparece impresso. A reação dos leitores, penetra-os como uma corrente elétrica. E relêem o artigo, agora, com os olhos dos leitores, com os olhos do povo como se fôsse uma coisa inteiramente nova. Um controle fecundo que suscita um progresso quotidiano.

Por outro lado, o jornal constitui uma excelente escola de arte literária. Dispõe de pouco espaço, e isto determina as dimensões do artigo. O escritor se habitua a estabelecer uma relação justa entre o tema e o material colhido, uma justa noção de proporção.

Houve um tempo em que estudei cristalografia com um grande sábio, o professor I. Wulf. Ele me ensinava a desenvolver cristais. Em lugar de flores, tínhamos no peitoril da janela, filas de frascos onde «amadureciam» em suas soluções, multicores e belos cristais de alumen. Mas, é muito mais difícil cultivar cristais do que flores. Conforme a solução é saturada, francamente saturada ou supersaturada, o pequeno cristal se desenvolve normalmente, deixa de crescer ou se desenvolve de uma maneira anormal, deforma-se, fica doente. O jornal exige do escritor o domínio da arte de desenvolver seu tema dentro de material saturado, arte que lhe comunica um senso de medida. Disponha à sua volta, todo o necessário para dar relevo ao tema, porém nada mais, nada menos.

E isto não é útil ao romancista? Muito útil. Não é comum encontrarmos livros que desde o começo carecem de nexos por falta de um proporcionamento justo entre o tema e o material colhido?

Tomemos por exemplo a elaboração da imagem. Uma das mais belas lições das que tenho recebido a propósito desse trabalho difficilissimo foi-me proporcionado, graças ao jornal. Estávamos em 1935. Realizava-se em Leningrado o XV Congresso de Fisiologia. O «Pravda» me encarregara de fazer a reportagem. Eu tinha a impressão de ter cumprido muito bem a tarefa. Entretanto cometi um erro grosseiro, não de ordem científica, mas artística, sobre o qual ninguém me chamou a atenção, a não ser uma única pessoa — o grande sábio Pavlov. Eu tinha feito um artigo sobre a visita ao laboratório de Pavlov em Coltuchi. Os colaboradores do sábio gostaram bastante. Mas Pavlov, referindo-se a mim disse: «Ela contou lorota». E com o dedo apontou o início do artigo onde eu dizia que a estrada que leva a Coltuchi era margeada de flores. Ora, não havia uma flor sequer, a beira da estrada. «Estavam escritas» por si mesmas no papel, exatamente como os rouxinóis que eu fiz cantarem outrora em Guelendjik. O pequeno detalhe não escapou à perspicácia do sábio cujo olhar separava imediatamente o verdadeiro do falso.

Compreendo agora, com que zelo de precisão é preciso criar a imagem. Pode-se inventá-la quanto se quiser mas de maneira que ela corresponda à realidade, à vida e que não altere a verdade artística. Esta lição, tão proveitosa para mim, eu a devo ao jornal, ao contacto instantâneo com o leitor.

Pode-se, então dizer que o jornal toma tempo? Não há escola que nos faça perder tempo. Na coluna «gasto do tempo», que não para de encher-se ao longo da vida de um homem, a escola tem um lugar preciso e constante: «Aprende-se com qualquer idade». E o jornal é a melhor e a mais econômica das escolas. O jornalista soviético é um participante do processo sobre o qual informa o leitor. Do caso particular, passar ao geral, comparar fatos análogos, observar, generalizar e focalizar as leis do processo.

É precisamente esta familiaridade com a vida que é indispensável ao romancista se ele quer criar não apenas uma «leitura» comum, mas um livro amigo, um livro que seja um companheiro de viagem por longos anos, para várias gerações.

Aqui passa a linha de separação entre o jornalista e o romancista. O jornalista deve partir do «caso pequeno» para, alargando sempre o círculo dos fatos analisados, elevar-se à conclusão, ao estabelecimento das leis. O romancista deve

fundamentos

penetrar o «caso pequeno» até o centro, onde se acha a imagem do geral. Para que o romancista consiga atingir o âmago do pequeno fato (muitas vezes ele fica limitado à superfície!) a trilha criadora do jornalista, pode ser duma grande utilidade.

Vejamos brevemente, o raciocínio de um jornalista ocupado numa tarefa aparentemente das mais banais. Visitar várias usinas da Armênia e saber o que elas produzem para os grandes trabalhos stalinianos. Eis os fatos, desprovidos de qualquer ornamento literário: Em Kirovakan, o combinado químico, produz carbureto para a central de Tsimlianskaia. Em Erevan, a usina de compressores monta bombas para o canal Volga-Don; a usina de cabos executou 80 quilômetros (quilômetros!) de pesados cabos ôcos, para escavadeiras «de skis». O «Artiktuf» expediu 100 vagões de tufa rosada para Stalingrado.

O jornalista tomou conhecimento destes fatos não nos escritórios das empresas, mas nos canteiros; não na administração das estradas de ferro, mas nos lugares onde se faziam os carregamentos. Viu e conversou com os trabalhadores. Aos fatos brutos ajuntou suas observações pessoais. Ajuntou que por toda a parte, surge a iniciativa de criar «brigadas de alta qualidade», executam-se as encomendas antes dos prazos previstos, cada um se esforça em fazer sempre melhor.

Durante a guerra nacional, quando a retaguarda enviava pacotes aos combatentes, as mulheres aproveitavam a oportunidade e enfiavam neles cartas e postais. Recebiam calorosas respostas. Uma correspondência se estabelecia e transformava-se frequentemente em viva e calorosa amizade. Hoje, enquanto carregam os 80 quilômetros do grande cabo ôco, os trabalhadores de Erevan, junto com os sentimentos que estão dentro desse produto de seu trabalho enviam cartas entusiastas ao destinatário. Este homem prosaico que carrega o enorme título de Representante do Birô de Khar'kov do Ministério da Construção de Máquinas para as Obras Públicas, se mostra sensível como um poeta a estas atenções e responde amigavelmente: «Obrigado, camaradas, aceitem meus cumprimentos». Todas as empresas que trabalham para as grandes obras escrevem cartas desse tipo e recebem respostas semelhantes...

Nisto já tem o jornalista matéria para um romance. Mas é preciso ir ao fundo das coisas. As encomendas são distribuídas segundo um plano; são distribuídas por um centro organizador. Mas o desejo de participar nas grandes obras, de cantar neste enorme côro, produz milagres.

Em Erevan há uma pequena fábrica pouco conhecida, uma pequena fábrica de aparelhos elétricos que não recebeu encomenda nenhuma para as grandes obras. Seus operários redigiram o telegrama seguinte aos construtores do canal do sul da Ucrânia: «Estamos em condições de executar uma encomenda dentro do plano». Em resposta os ucranianos deram uma tarefa à pequena fábrica.

E como se se tratasse dos casamentos de seus próprios filhos, os operários empregam todo o talento, todo o coração, para confeccionar lustres e arandelas, aperfeiçoando os métodos de fundição para melhorar a solidez e a beleza das formas.

Este tom de carinho que se ajuntava aos fatos chamava o jornalista a ver além dos próprios fatos, a elevar-se do particular ao geral, a penetrar em profundidade na política sábia do Partido que soube industrializar as regiões periféricas e ajudá-las a edificar uma indústria pesada. O jornalista viu como uma vez suscitadas, estas formas de produção independentes são postas a funcionar como riachos que correm para o mar, conjugadas para servirem à causa comum, à grande amizade dos povos. Constatou, viu com seus próprios olhos que agora o homem quer dar segundo a sua capacidade, dar mais do que se lhe pede.

De uma simples enumeração de fatos, de uma simples página de informação, atinge a grandiosa sinfonia de nossa vida. E se o jornalista se senta à mesa de trabalho para escrever um romance, essa sinfonia magestosa há de inspirá-lo para um bom romance, onde o coração e a inteligência falarão e o sucesso da técnica medir-se-á pelas expressões de carinho do povo.

Aconselho os jovens escritores a não desrespeitarem o trabalho jornalístico, não abandoná-lo. O jornal exige do escritor diariamente uma grande aplicação; tanto quanto o teatro exige do ator. Isto consiste num processo de rejuvenescimento perpétuo. Preserva sua pena do «tecnicismo» e da forma arida; enche-a de um saber valioso e da grande emoção que caracteriza o artista de nossa época.

**fundamentos**

Crítica ao livro de Permino Asfora

## “ F O G O V E R D E ”

WALTER SAMPAIO

O nordeste brasileiro tem sido para a nossa literatura uma das maiores fontes de contacto do escritor com os dramas de nosso povo. Realmente, se levarmos em consideração o tipo de vida das gentes nordestinas, somos talvez obrigados a reconhecer que é naquela região onde permanecem, de forma mais exteriorizada, os elementos mais típicos de nossa tradição. E isto se explica devido ao estancamento acentuado do tipo de relações de trabalho, de pequeno ou quase nulo desenvolvimento das condições materiais de existência. O latifúndio ali mantém as mesmas características sedimentadas, o estado de pobreza das massas camponesas em nada foi minorado, os ciclos das secas se repetem invariavelmente trágicos, com o mesmo cortejo de miséria, acelerando-se o exodo de enormes populações. Nesse processo de estancamento de uma economia semifeudal, anacrônica, os pequenos centros urbanos, perdidos nas vastas áreas do interior nordestino, são como plantas mirradas no solo agreste e causticante.

Outro não é a razão por que foi o nordeste o inspirador da corrente mais viva do romance brasileiro, desenvolvido na década passada 1930-1940. Observe-se que o estancamento, por largo período histórico, de um tipo de relações materiais de vida, como a do nordeste, permitiu, que estas relações pudessem ser melhor retratadas pelos nossos escritores. E que muito diverso e mais difícil a compreensão das características fundamentais de agrupamentos novos, cuja formação psicológica, hábitos, costumes e vida material, de um modo geral, estão em acelerado processo de desenvolvimento. Levando-se em conta que o estancamento da economia e da vida nordestina não pressupõe necessariamente a inexistência de comportamentos novos em determinadas condições, é de se exigir de um romancista que ele saiba ou tente transmitir esses aspectos novos. Realmente é difícil se saber que elementos novos surgiram na psicologia de certos agrupamentos, em que sentido se incorporaram às aspirações populares certas experiências e até que ponto, e de que forma, nestes últimos anos, se elevou o nível de consciência política das massas trabalhadoras rurais do nordeste e dos seus pequenos centros urbanos.

Os romancistas de 30, inegavelmente tiveram o mérito de transmitir um retrato do estado de vida e atraso do Nordeste suas relações de trabalho e de produção, um retrato dos hábitos, costumes e inclusive de algumas espontâneas e inconsequentes manifestações de revoltas. Entretanto todo o quadro transposto para o romance pecou em exatidão dinâmica porque os romancistas não tinham uma ideologia realmente revolucionária e na maioria estavam presos a um realismo crítico e naturalista e a sentimentos românticos-saudosistas. Escrever-se hoje em dia sobre o Nordeste como o fizeram os escritores da década, é procedimento que não se justifica para o escritor que pretende realizar uma literatura de vanguarda.

Ao iniciar a leitura de “FOGO VERDE” de Permino Asfora, romance recentemente publicado, estava guiado por uma esperança de entrar em contacto com dramas novos e típicos do nordestino. Teria o romance de Permino Asfora satisfeito a minha curiosidade? Em parte, não. E minha negativa se funda na certeza que tenho de que Permino Asfora, com a experiência dos romances anteriores, “SAPE” e “NOITE GRANDE”, poderia ter escrito um romance que trouxesse uma maior contribuição ao conhecimento de nossa realidade atual, focalizando em desenvolvimento o germe da ideologia revolucionária no quadro da vida nordestina. Preferiu, no entanto, circunscrever o ambiente do seu novo romance à época anterior à guerra de 1914, e, nestas condições, mais difícil é a compensação das características fundamentais de

condições, muito mais difícil para o romancista era atingir um objetivo que por acaso desejasse.

É certo que existem cidades tão atrasadas e em tão sedimentado estancamento material e ideológico, que é impossível nelas se descobrir qualquer elemento novo e revolucionário. O romancista que tenha o infeliz propósito de escolhê-las para ambiente de sua obra, trabalhando sobre elementos e fatos próprios do lugar, claro que pode realizar uma obra realista no sentido de exata correspondência aos fatos e à vida do local. Mas isto significa literatura de vanguarda? Não. A literatura de vanguarda é aquela que se inspira em fatos novos e dinâmicos, que se inspira no novo para atuar sobre o velho, colocando-se assim a serviço das forças vivas e novas. Deve escolher temas que revelem ações revolucionárias mesmo que sejam ainda embrião. E estes temas podem ser encontrados, na realidade, em milhares de cidades do Brasil e em centenas de aspectos da vida nordestina.

Para um romancista de vanguarda não basta a enunciação de simples constatações, digamos, de formas de exploração do trabalho humano, como por exemplo, em *FOGO VERDE*, quando o romancista descreve, de forma densa e até poética, o sofrimento do negro Santana, há muitos anos atrás, cavando um açude, açulado pelo feitor, até perder as forças e morrer debrando. A simples constatação do fato não basta se o fato não é acompanhado de ações revolucionárias mesmo que em germe, dele originadas ou com ele, relacionadas. No exemplo citado a cena do negro Santana morrendo no açude, não tem outra importância senão o de uma super-valorização romântica. O fato não despertou nenhuma revolta mesmo rudimentar na consciência dos trabalhadores, e sua transposição do passado foi feita de forma quase mística, não contribuindo para marcar no conjunto da obra nem na ação vivida pelos personagens do livro, o espírito da literatura de vanguarda. E, mais estranho, é que a história foi contada pelo romancista através a lembrança e a imaginação de Valério, personagem que retrata justamente o trabalhador mais atrasado, subserviente e despidido de qualquer consciência política.

O autor dividiu o romance em três partes. Na primeira, descreve a vida de duas famílias de proprietários de terras que eram, ao mesmo tempo, comerciantes em uma pequena cidade do interior do Estado de Piauí. O eixo da primeira parte é o conflito existente entre as duas famílias motivado pelo namoro de Marta, filha do coronel Romão, com Miguel agregado da família do coronel Salustiano. É um conflito sem colorido algum e não desperta no leitor qualquer emoção. Afim de evitar o namoro, o velho Romão manda a filha para Fortaleza e aí Marta resolve fugir para o Rio, regressando posteriormente para Fortaleza onde se amiga com um cearense. Na ausência de Marta e sob pretexto de saber notícias de sua irmã, Alice começa a frequentar, às escondidas de seu pai, a casa do coronel Salustiano, onde reside Miguel e com este começa a namorar. A história é assim incolor, sem grandes conflitos.

Na segunda parte, a melhor do livro, ganha o romance uma maior densidade, com a descoberta da existência de uma mina de cobre. Salustiano começa a investigar, fazendo longas caminhadas pelas suas terras, e, ao se convencer da existência de uma grande mina, tenta explorá-la, começando a compra de terras na vizinhança, faz viagens a Teresinha, Fortaleza, entra em contacto com técnicos e firmas comerciais, etc. Desenvolve, ao mesmo tempo, o conflito, entre Salustiano e Valentim, membro da família, porque este desejava se associar à empresa na qualidade de herdeiro comum.

Na terceira parte, ainda permanece o conflito de Salustiano com Valentim, até a sua solução, com a vitória do primeiro e a constituição de uma sociedade de todos os interessados. Os entendimentos com firmas prosseguem, chegando ao ponto de ter Salustiano que viajar para os Estados Unidos da América do Norte onde termina firmando um contrato com uma empresa imperialista que se compromete a explorar a mina de cobre, impondo certas cláusulas que logo mais veio Salustiano a senti-las como profundamente lesivas. Volta da América, trazendo técnicos e material. É recebido com alegria e entusiasmo. Iniciam-se as investigações, pelos americanos, e um dia, misteriosamente estes desaparecem, deixando entretanto confirmada a existência das grandes reservas de cobre. Decepcionado vai Salustiano à Teresina para se entender com o governador do Estado, mas ali não é recebido, e no palácio soube que os americanos haviam alugado a mina, dando 10.000 cruzeiros mensais ao Governo. O romance aí termina, sem que antes deixasse de

se reportar ao destino de outros personagens, como a inesperada morte de Miguel, etc.

Inegavelmente o romance mantém uma estrutura e uma composição bem elaborada e acima de tudo é escrito em um estilo vivo, poderoso na descrição do ambiente, da paisagem, dos caracteres, preciso no delineamento do comportamento das personagens, ressaltando as figuras colocadas em segundo plano, como Valério, Néquinho, Bastiana e Ricarda. A segunda parte do romance, quando o coronel Salustiano, acompanhado de Valério e Néquinho percorre suas terras, investigando a procedência da mina, das pedras verdes, é de uma grande beleza, de alto poder sugestivo, e, neste particular, se iguala ao que de melhor existe em nossa literatura, lembrando a atmosfera de *A SELVA* de Ferreira de Castro e *TERRAS DO SEM FIM* de Jorge Amado.

O romancista revelou assim as suas grandes qualidades de ficcionista, seu grande poder descritivo e domínio da técnica do romance. O defeito do romance, entretanto, resulta da falta, quase absoluta, de um conteúdo ideológico. Neste particular, se enquadra, muito bem, para *FOGO VERDE*, a crítica que fez Floriano Gonçalves ao romance de James Amado, "*CHAMADO DO MAR*". Em *FOGO VERDE* o latifúndio, o coronel e a própria ação do imperialismo são vistos do ponto de vista crítico. É mais grave, ainda, é que o romance foi escrito do ponto de vista dos interesses e dos sentimentos do coronel. Nem ficou suficientemente caracterizada a ideologia do fazendeiro e esta só poderia ser melhor observada se mais intenso fosse o conflito entre fazendeiros pela posse das terras ricas de minério, e, também, se existissem conflitos entre os proprietários e os trabalhadores.

Poderia o romancista ter conseguido maiores resultados se não houvesse se apegado tanto a um certo historicismo e este só se justificaria se o autor, pretendessem realizar um romance autêntico e fielmente histórico, o que parece não ter sido o caso. O romance, quanto ao seu ponto fundamental, gira em torno de uma mera expectativa de exploração de uma mina. Se o autor tivesse conduzido a história ao ponto em que houvesse a inversão de pequenos capitais na exploração da mina; se houvesse construído a história de maneira a permitir que vários pequenos proprietários da região, depois de lutas entre si, invertessem suas fortunas na nova empresa, mantendo em serviço grande número de trabalhadores assalariados, poderia conseguir efeitos mais precisos para posteriormente caracterizar a ação nefasta do truste imperialista, e as relações entre os proprietários da mina e os trabalhadores. Quase fatalmente, com o interesse na exploração da mina, grande número de proprietários e comerciantes converteriam seus capitais para aquele fim, e ação posterior do imperialismo, corrompendo alguns deles, com o auxílio e a conivência do Governo, levaria a maioria à debacle, o desemprego dos trabalhadores, e nestas condições estaria criado um ambiente onde poderia o escritor delinear o desenvolvimento ideológico das personagens, e a contradição entre explorador e explorado.

"Poder-se-á objetar — como muito bem diz Floriano Gonçalves — que, se o livro não reflete este elemento revolucionário é porque ele ainda não se desenvolveu no meio social que o romancista estudou. Mas não se trata mais de apenas estudar o mundo, trata-se fundamentalmente de transformá-lo. E desde que a sociedade se dividiu entre dois grupos, um dos que exploram e outro dos que são explorados, que também surgiram inevitavelmente dois pontos de vista, duas concepções, duas formas de reagir diante de um mesmo fenómeno".

Não é de se deduzir também que o romancista, por ter se colocado do ponto de vista do realismo crítico, tenha deixado de retratar alguns comportamentos que refletem a pequena consciência política de alguns trabalhadores. Pois, embora de consciência política ainda rudimentar, um trabalhador, em conversa com outros, chegava a compreender, numa tomada de consciência que mesmo se a mina fosse explorada não seriam eles, os trabalhadores, que iriam ser beneficiados mas sim os proprietários, e esta é também reflexão da própria negra Bastiana, mulher de Valério o qual caracteriza o trabalhador servil e fiel ao seu patrão.

Entretanto não se pode deixar de reconhecer que o romance de Perminio Asfora representa uma clara e justa denúncia aos métodos do imperialismo, contribuindo nesse sentido para um maior conhecimento da realidade brasileira.

# A FUNÇÃO DO CRÍTICO DE CINEMA

ALEX VIANY

Desde os tempos de Ricciotto Canudo, o fundador da crítica cinematográfica, cujo trabalho pela formação de cine-clubes também contribuiu enormemente, e de maneira mais direta ainda, para o longo processo de esclarecimento das platéias, muito tem sido escrito e discutido sobre as funções do bom crítico de cinema. No entanto, ainda hoje, passados muitos anos, quase que podem ser contados nos dedos das mãos os críticos conscientes, que, reconhecendo a sua grande responsabilidade para com as platéias, sabem pesar com justeza as qualidades positivas e negativas de cada filme, julgando não somente o seu valor intrínseco como obra de arte, mas acima de tudo o seu impacto extrínseco como influência moral, social e política. Assim, bem raros são os críticos de nosso mundo ocidental que compreendem os seus deveres e trabalham, através do que escrevem e dizem, para o alevantamento do nível de apreciação artística das platéias.

Na maior parte dos casos, os críticos ocidentais justificam o desprezo que por eles têm os magnatas de Hollywood, cujos filmes são sempre acompanhados de folhetos de publicidade que contêm modelos de "crítica". Nos Estados Unidos da América, naturalmente, tais "críticas" são muito usadas; no Brasil e no resto do mundo, é comum aparecerem nos jornais como notinhas anônimas, que o público ingênuo deve tomar como representando a opinião do responsável pela secção de cinema.

Por outro lado, há muitos críticos que levam a sério a sua tarefa, e que se dedicam a estudar estética, lendo os compêndios que lhes caem nas mãos e procurando assistir, nos cine-clubes, aos filmes considerados clássicos pelos historiadores e saudosistas. Entre êses, há o grupo dos que ficaram parados no tempo, negando reconhecimento ao cinema falado, e afirmando que o Cinema (assim mesmo, com maiúscula) faleceu ao primeiro trinado soturno de Al Johnson em "O Cantor do Jazz". E' um grupo de fósseis, sem dúvida, e não vamos perder tempo com êle.

Entretanto, precisamos olhar com a máxima atenção para um grupo maior, mais ativo, que vem exercendo uma influência maléfica através dos jornais e de sua atuação nos cine-clubes e cursos de cinema. E' êsse o grupo dos estetas, dos donos da arte, que facilmente encontra correspondentes entre os críticos de música, teatro, literatura e artes plásticas da chamada "grande imprensa" de nosso mundo ocidental. Sem ter parado inteiramente no tempo, pois admitem a evolução da forma, êstes críticos insistem no princípio superado — e superado há tantos séculos! — da arte pela arte, condenando tudo em que haja conteúdo humano e positivo, afirmando que a arte só deve servir à Arte (assim mesmo, com maiúscula), e lamentando cada passo que o cinema dá para diminuir o abismo que o separa do povo.

E, note-se bem, êsse "abismo" não é um contrassenso. Os pseudo-críticos, aquêles que fazem o serviço dos magnatas de Hollywood, procuram justificar a sua atitude sob a alegação de que Hollywood dá ao público o

**A graciosa Vera Nunes e Orlando Vilar numa cena da comédia "Suzana e o Presidente" da Cinematografica Maristela**



que o público deseja. Se é verdade que devemos ter toda a consideração para com o povo, dando-lhe, através de bons filmes, um divertimento sadio e, sempre que possível, útil, também é verdade que o público de nosso mundo ocidental vem sendo viciado, desde que o cinema norte-americano conquistou a hegemonia nos mercados ocidentais, a aceitar justamente o que os produtores de Hollywood querem que aceite. O assunto foi largamente estudado pelo diretor francês Louis Daquin, num admirável artigo que ocupou trinta-e-uma páginas em dois números da revista "Nouvelle Critique". Daquin denuncia a publicidade de Hollywood, como também a cumplicidade de escritores e pensadores que fingem ver no cinema apenas uma "fábrica de sonhos" ou uma "miragem das salas obscuras". Através dos anos, uma e outra coisa fizeram com que o público fôsse abandonando o seu senso crítico, o seu senso do ridículo, e, finalmente, até as suas características nacionais. O estrelismo, por outro lado, fêz com que o público deixasse de ir ao cinema para ver uma boa história, habituando-se a ver Clark Gable ou Lana Turner em qualquer história. Como se isso não bastasse, nota Daquin, criou-se a lenda de um "ritmo americano" — uma montagem de ritmo rápido que foi colocada "à altura de uma lei de estética". Atrás de toda essa onda de publicidade, fantasmagoria, estrelismo, ritmo rápido e que-tais, os magnatas de Hollywood, que têm as mais íntimas ligações com Wall Street e, nos últimos tempos, com o Departamento de Estado, realizaram uma intensa e fortuita campanha de viciamento das platéias mundiais, justificando, como diz Daquin, "a criação e a existência de uma pretensa arte cinematográfica completamente afastada da vida, da realidade social (...), de uma arte cujas características dominantes são o exotismo e o cosmopolitismo." E Daquin cita Georges Cogniot: "Para o cosmopolita, o homem é uma personagem esquemática, cidadão do mundo sem família e sem povo, sem tradições ou particularidades nacionais."

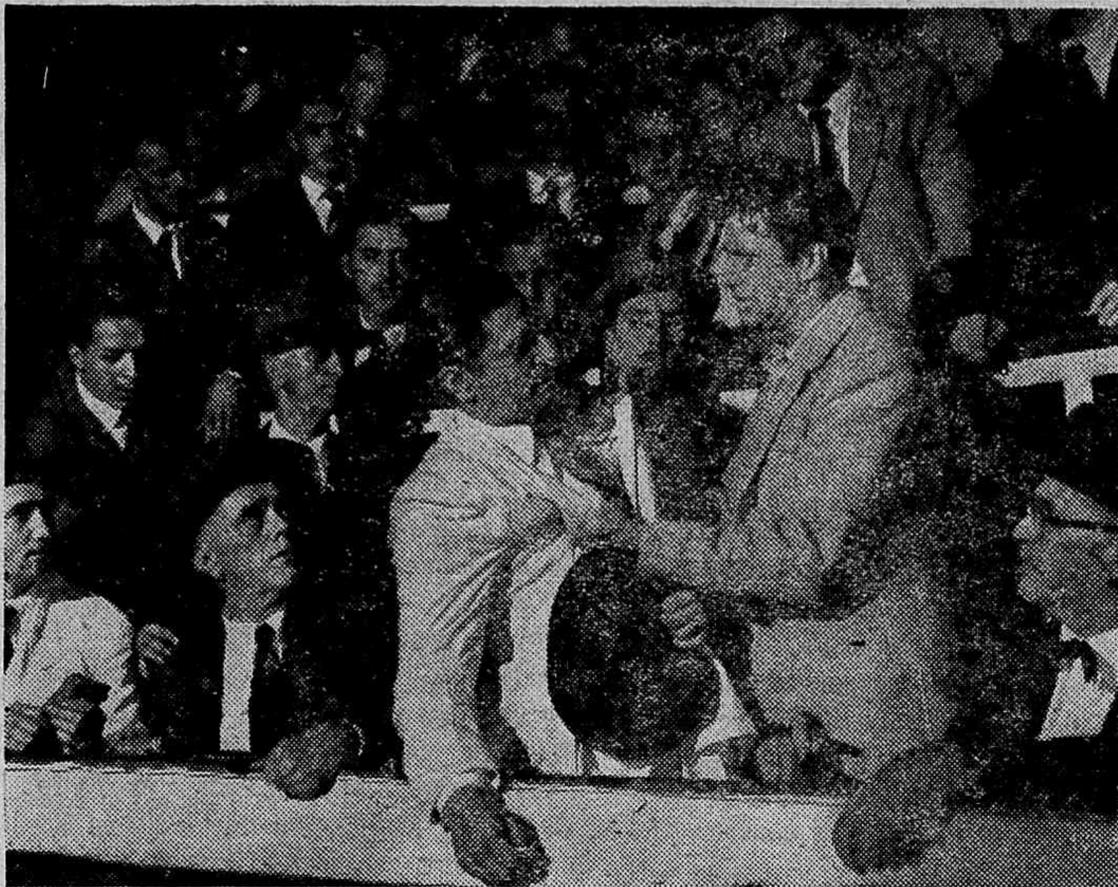
O mundo cinematográfico criado pelos homens de Hollywood — e tido como real por uma boa percentagem das platéias ocidentais — é habitado por gente assim.

Tal processo de viciamento das platéias não serve sómente aos interesses financeiros mais imediatos dos magnatas de Hollywood e Wall Street. Lógicamente, serve também — e acima de tudo — à propagação do “modo norte-americano de vida” e dos “ideais norte-americanos”, que nada têm a ver com os ideais de Lincoln, Jefferson e Tom Payne. Durante muitos anos, o moral de nossas platéias foi de tal maneira minado que elas chegaram a perder muitas de suas características nacionais, aceitando sem sentir o cosmopolitismo degenerado de Hollywood.

Está visto que os críticos desonestos, os fósseis, os reacionários, e os formalistas contribuíram para esse estado de coisas. E o pior é que há críticos aparentemente honestos nesse meio — alguns deles com fôros de democratas e mesmo esquerdistas. Mas estes críticos traem o público que os lê, desmentem todos os princípios políticos que afirmam seguir, quando escrevem uma coisa assim: “A história não presta (ou não tem conteúdo), mas o filme é tão bem feito que merece ser visto.” Daí até pôr uma sujeira como O Terceiro Homem lá nas nuvens, é um pequeno passo. Infelizmente, o passo já foi dado por homens que até bem pouco pareciam compreender as suas responsabilidades.

Desde os primeiros tempos, o cinema brasileiro tem estado, em grande parte, nas mãos de maus imitadores de falsos sucessos estrangeiros. Caiçara, com algumas cenas de folclore enxertadas a martelo, tinha um parentesco próximo com Stromboli. Raul Roulien começou a fazer uma Jangada com a heroína metida num sarong emprestado por Dorothy Lamour. E a última versão do brasileiro Iracema foi dirigida por um italiano recém-chegado. Isso para não entrar em pormenores sobre o caso de Terras do Sem Fim, de Jorge Amado, que teve o conteúdo e o título mudados por um norte-americano que jamais dirigira em Hollywood.

De uns anos para cá, o cinema brasileiro parecia ir adquirindo as mais estranhas características: houve uma enxurrada de filmes de ambiente praiano, e a necrofilia dominou os ci-



Uma discussão entre jogadores, do filme “Angela”, da Vera Cruz, rodado parte nos estúdios de São Bernardo e parte no Rio Grande do Sul.

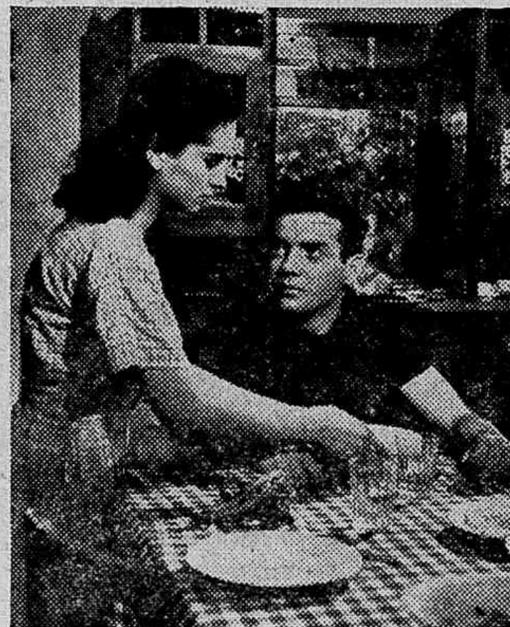
neastas patricios. Suicídios, crimes, enterramentos e cemitérios começaram a constituir lugares comuns.

Ao mesmo tempo, a maioria absoluta dos críticos nada fazia para combater a influência do cosmopolitismo dos filmes estrangeiros (especialmente norte-americanos), cantava hosanas ao formalismo das importações violentas, sádicas, derrotistas e degeneradas — e, no que diz respeito ao cinema nacional, deixava de lado a crítica às histórias sem pátria e sem sentido para soltar vivas ao princípio de industrialização de nosso cinema e ao melhoramento de nosso nível técnico.

Mas uma história não é brasileira só por ser situada no Brasil e feita em estúdios brasileiros. Caiçara, Presença de Anita, Terra é Sempre Terra, Suzana e o Presidente, Anjo do Lodo, Liana a Pecadora, Angela e outros filmes recentes não podem ser tidos como brasileiros se nada apresentaram de brasileiro e nada contribuíram para a formação de uma tradição cinematográfica brasileira. Diferenciam-se pelo melhor ou pior nível técnico, pela honestidade ou desonestidade de seus realizadores no terreno das finanças. No mais, podem ser condenados em grupo como desnacionalizantes, mórbidos, pessimistas — e, naturalmente, cosmopolitas. E cosmopolitas no sentido de que seriam maus e desnacionalizantes onde quer que fossem feitos.

Diante de tudo isso, que caminho deve seguir o crítico honesto, cômico de suas responsabilidades para com o público? Deverá ele defender intransigentemente o cinema nacional e atacar sem tréguas o cinema estrangeiro?

A pergunta é propositadamente capciosa e, de qualquer forma, já foi respondida em parte em parágrafos anteriores. É lógico que a defesa de nosso cinema não implica a defesa pura e simples de nossa produção. O crítico, como o público, tem o dever de exigir de nossos produtores que façam filmes brasileiros. Ao mesmo tempo,



“Terra sempre terra”, segundo filme da Vera Cruz. No clichê Mariza Prado e Mario Sergio



**Alberto Ruschel e Inesita Barroso, duas grandes esperanças do cinema nacional**

porém, o crítico deve dizer o que, a seu vêr, é brasileiro e o que é cosmopolita e anti-nacional. Por outro lado, nenhum crítico democrata pode perder o equilíbrio e condenar indiscriminadamente os filmes saídos dos estúdios dos Estados Unidos da América e outros países capitalistas. Ainda que, forçosamente, não haja condições nesses países para a produção de filmes 100% honestos e progressistas, deve-se reconhecer que, apesar de tôdas as perseguições, há por lá cineastas dispostos a fazer um bom cinema. E, de raro em raro, êsses homens conseguem furar a cortina de dólares com um *O Preço de uma Vida*, um *Rancor* ou um *À Margem da Vida*. E, muitas vezes, uma cena honesta, humana, revela tôda a luta dos bons cineastas contra o processo de esmagamento a que vêm sendo submetidos.

Voltando ao cinema brasileiro, que deve fazer o crítico diante de um filme como *Alameda da Saudade*?

Como se sabe, houve em tôrno da obra de Carlos Ortiz uma polémica desarrazoadá, cujo único valor foi trazer à baila o problema da crítica cinematográfica na imprensa democrática. Em última instância, a técnica ou a falta de técnica não justifica a morbidez da história e o seu caráter cosmopolita. Mas é necessário reconhecer a honestidade da empreitada, e o fato de o filme ter servido para treinar técnicos de futuro. Ao mesmo tempo que se ataca a história, não se deve esquecer que seu autor a imaginou e escreveu há dois anos. Se o autor tivesse parado ou regredido, não haveria desculpa, como não haverá desculpa se Carlos Ortiz fizer outro filme no mesmo estilo, ou com as mesmas qualidades negativas.

**fundamentos**

Mas, o diretor Carlos Ortiz e o produtor do filme, José Ortiz Monteiro, muito evoluíram nestes dois anos, como bem demonstra a sua atuação à frente da Associação Paulista de Cinema. Agora, sua obrigação para com os que acreditam no cinema nacional é fazer filmes legitimamente brasileiros. E êsses filmes, como nós o entendemos, têm de ser positivos, têm de mostrar o povo e seus problemas, têm de ir buscar na vida do povo as características de uma arte nova e essencialmente popular.

Assim, o crítico, conhecendo ou não os antecedentes daquele a quem

critica, ao analisar a primeira obra de qualquer cineasta brasileiro, tem de levar em conta a sua inexperiencia não só no campo técnico como no artístico-social. E, ao invés de perder tempo com considerações de ordem formal, deve, antes de tudo, guiar o cineasta para os temas populares brasileiros.

Isso, naturalmente, não se aplica aos homens de cinema já formados, sejam êles brasileiros ou não. Se estão fazendo cinema no Brasil, têm a obrigação de fazer cinema brasileiro. E não podem ser desculpados quando colaboram na trama destrutiva da despersonalização de nossa gente.

## NOTAS E NOTÍCIAS

### PROPAGANDA CRIMINOSA

Varias vezes, nas paginas de Fundamentos, intelectuais progressistas têm demonstrado com exemplos concretos que a imprensa chamada «sadia» é assalariada do imperialismo yanque e, como tal, instrumento de seus desígnios guerreiros. Há uma preparação psicológica do povo, feita pelas colunas da imprensa diaria, preparação para a guerra. Os temas são diversos. Num artigo, certo autor pede ao povo que aceite a guerra porque do contrario terá que submeter-se às agruras de uma crise economica de proporções imprevisíveis. Há uma campanha sistemática de interpretação do significado da paz: paz armada, garantir a paz pela força e sofismas, sempre do mesmo tipo.

Agora, é o indecoroso Al Neto, escriba ignorante, do tipo «made in USA» para quem a cadeia de jornais de Chateaubriand reserva espaço diariamente, que quer convencer-nos de que a guerra é um instinto humano. Baseia-se em experiencias de «cientistas atômicos» americanos, experiencias feitas com ratos e camondongos que afinal provaram justamente o contrario.

«São as guerras provocadas artificialmente ou resultam da propria natureza humana?»

pergunta o escriba atrevido, mas já com a resposta na ponta da lingua. Tudo fará para convencer que a natureza humana traz a guerra na massa do sangue.

A fim de encontrar uma resposta científica para tal pergunta, os laboratorios Roscoe B. Jackson, de Bar Harbor, nos EE. UU. (Maine) vem fazendo exaustivas experiencias com ratos, ratazanas, camondongos, cães e macacos.

A ciencia prova o contrario. Os homens não querem guerra. Ela é contra a natureza humana. Mas o escriba não esmorece mesmo que tenha de se atralhar todo e cair no ridiculo. Vejam:

Os ratos, as ratazanas e os camondongos, qualquer que seja o ambiente em que vivam e o treinamento

que recebam, nunca se organizam em grupo para atacar um inimigo. Mas os cães e os macacos sim.

Os cães e os macacos, se bem treinados, se sujeitos a uma propaganda adequada, ficam agressivos.

Sendo assim talvez a educação e o ambiente, que são capazes de evitar o desenvolvimento do espirito guerreiro entre alguns animais, não tenha força para evitar tal desenvolvimento entre os homens.

E assim termina êle; evidentemente à espera que os resultados não se confirmem na pratica; que o treinamento, que a propaganda organizada, e macissa, possa convencer os povos de se lançarem em uma carnificina enquanto os tubarões americanos contam os lucros de suas empresas nefastas.

Mas tudo está se dando ao contrario. São os povos que fazem propaganda, e no sentido da paz, que é o natural.

Capazes de se tornarem aguerridos pelo treinamento constante, só os cães e os macacos, só os imperialistas.

Vejam o «Diario da Noite de ..... 16-1-1952 se acharem difficil acreditar!»



— E há quem diga que não se vende livros no Brasil.

## OPERAÇÃO

### "COLLIER'S"

Inúmeros leitores de **FUNDA-  
MENTOS** escreveram-nos criticando o texto-legenda em que demos notícia da reação do jornal francês "L'Observateur" que, "prevendo" os principais sucessos que marcariam a vitória da União Soviética em uma terceira guerra, colocou-se no mesmo plano provocativo e grosseiro da revista americana. Resposta digna e correta, para a qual devíamos ter chamado a atenção, foi a de "Tempos Novos", publicação soviética, que dedicou um dos seus últimos números à "descrição" do que será o mundo em 1956, depois de assinado o Apelo por um pacto de paz, um mundo de fraternidade e alegria, em que as imensas forças produtivas, hoje desviadas para a preparação da guerra, estarão voltadas para a construção pacífica.

A reação de "L'Observateur" valeu apenas como um dos protestos — o menos feliz e o mais sensacionalista — das centenas e centenas que a edição do "Collier's" provocou.

## A CRISE ECONOMICA À VISTA

### Um sistema econômico internacional para garantia contra as flutuações econômicas nos Estados Unidos

Um grupo de "economistas" da ONU coloca-se francamente na defesa dos ideais americanos de domínio mundial, opressão imperialista, e inventa uma linguagem econômica especial para provar que a crise econômica que vem aí só pode ser amortecida em seus efeitos com a submissão de toda a economia mundial a um sistema destinado a equilibrar as finanças dos magnatas americanos. Este sistema evidentemente é a submissão de todas as economias nacionais, à economia do imperialismo ianque.

O governo de Vargas como o de Dutra, está disposto a entregar subserviente, toda a economia brasileira nas mãos dos americanos. Só o povo com suas lutas tem impedido que não tenha dado tudo ainda!

PARIS, 14 (UP) — Cinco dos mais destacados economistas do mundo em relatório às Nações Unidas, afirmam que a chave da futura prosperidade do mundo está nos Estados Unidos. "Um sistema econo-

mico internacional praticável deve, em qualquer caso, constituir a garantia contra as flutuações econômicas nos Estados Unidos. Se for possível enfrentar essas flutuações com êxito, então será necessária uma margem relativamente pequena para o risco de flutuações econômicas em outras partes do mundo." "Por exemplo, agrade-nos ou não, devemos enfrentar com realismo a perspectiva de que ano após ano possam continuar ocorrendo flutuações nos índices de emprego nos Estados Unidos, na mesma escala que de 1937 para 1948, quando o índice de emprego declinou de quatro por cento, ou de 1920 para 1921, quando baixou de nove por cento. "Uma futura depressão poderia prolongar-se por mais de um ano. A perda total resultante, em dólares, para outros países, poderia aproximar-se de dez bilhões de dólares durante o período de depressão e ressurgimento".

## VOCE SABIA...



Os jovens americanos, como os jovens de todo mundo, detestam a guerra. No clichê, um médico psiquiatra americano, no fronte coreano, "convence" um pracinha ianque com o emprêgo da técnica mais moderna, a voltar para a luta, que êle quer abandonar a todo custo.

- a) Que a Light impediu que o governo construísse a Usina do Salto, usando para isto até de meios ilícitos, conforme denúncia do General Juarez Távora, confirmada pela Comissão de Inquérito da Câmara Federal?
- b) Que a Light, após obter a concessão de todo o alto Tietê (900.000 c.v.), procurou se apossar de todo o Alto Paraíba (1.000.000 c.v.), usando, para isto, até estratégias tais como o de fornecer plantas com dados propositadamente errados, fato êste denunciado pelos técnicos do gabinete da Secretaria da Viação em 1930, quando era secretário o dr. Francisco Monlevade?
- c) Que a Light em 1945, sob pretexto de precisar da água do Paraíba para desviá-la em Barra do Pirai para sua usina de Lages (no Est. do Rio),

criou dificuldades legais à execução da usina de Caraguatuba (1.000.00 c.v. no Alto Paraíba), dificuldades estas mencionadas pelo Governador Lucas Nogueira Garcez no Centro de Debates Casper Libero? (dia 9-11-51)

- d) Que as enormes instalações que a Light está fazendo para desvio do rio Paraíba em Barra do Pirai são de tal forma destituídas de justificativa econômica que muitos técnicos as classificam de criminosas?
- e) Que a Light projetou e executou todas as suas usinas com bombas elevatórias, com o objetivo de encarecer a energia elétrica em alta tensão e, assim, impedir o desenvolvimento de indústrias de base em nosso país, contribuindo, dessa forma, para a situação de dependência econômica em que vivemos?
- f) Que a Light reconheceu que a solução para a usina do Cubatão, com as bombas do canal do rio Pinheiros, não era a melhor, mas, para se desculpar, declarou que havia sido uma exigência do Governo do Estado em 1926?
- g) Que parte da barragem de Santo Amaro ruiu em 1925, pondo em risco de morte grande parte da população ribeirinha dos rios Pinheiros e Tietê?
- h) Que em consequência deste desastre a Light soltou enorme volume de água no rio Cubatão, e fez ruir a ponte do Cubatão?
- i) Que esta não é a primeira crise grave de energia elétrica, e que já tivemos outra igual em 1925?
- j) Que como prêmio por ter pro-

movido a crise de 1925 a Light recebeu a concessão do Cubatão?

- 1) Que, não obstante trazerem estas crises enormes prejuízos para o nosso povo, para os nossos operários e para os nossos industriais — trazem para a Light lucros cada vez maio-

res, por ela anunciados no estrangeiro, em seus relatórios?

Prezado leitor: estude cada um destes pontos em detalhe, para formar ao lado dos patriotas que lutam pelo afastamento, de nosso país, deste truste imperialista.



**Foi fundado o CLUBE DA GRAVURA DE SÃO PAULO. A nova entidade cultural distribuirá cada mês aos seus associados uma gravura inédita. Terá uma oficina de arte e uma galeria (em vias de instalação) onde terão lugar exposições, cursos e conferências. Obra de jovens, o "Clube da Gravura" pretende amparar e incentivar especialmente os esforços dos artistas moços. A reprodução que publicamos acima é do original de Clovis Graciano distribuída no mês de janeiro. A edição destes meses será de um trabalho de Renina Katz, Prêmio de Viagem ao País do Salão Nacional de 51**

# CHOPIN. ARTISTA E PATRIOTA

## EDUARDO SUCUPIRÁ FILHO

A 22 de fevereiro transcorre o 142.º aniversário de nascimento de Frederico Chopin, a mais genial expressão musical dos últimos tempos. A data do nascimento de Chopin assim como a de sua morte constituem expressivos acontecimentos culturais da nova Polônia, e ainda ecoa nos nossos ouvidos a recordação vibrante das comemorações que lhe foram prestadas no mundo inteiro, por ocasião do centenário de sua morte. Nesse ano de 1949, episódios e acontecimentos inéditos da vida de Chopin foram divulgados pela Europa e pelas Américas. Intelectuais, artistas, políticos de renome, como Marguerite Long, Henry Malherbe, Julien Benda, Paul Locard, Zygmunt Mycielski e outros escreveram páginas brilhantes sobre a personalidade do grande musicista, ressaltando o que representou sua música e a influência que exerceu sobre tantos mestres ilustres do século XIX até nossos dias. Artistas de diversos países, inclusive do Brasil, participaram do «IV Concurso Internacional Chopiniano», e as comemorações do Ano Chopin em nosso país foram um testemunho eloquente da grande popularidade que goza entre nós a obra de Chopin.

A música de Chopin caracteriza-se pelo sentimento nacional polonês que imprimiu a toda sua produção, a inconfundível maestria pianística e o romantismo. O romantismo na obra de Chopin é um dos traços mais interessantes e que dão bem o relêvo de sua envergadura de artista consciente. Jamais se deixou arrastar pelos excessos irrepresáveis do romantismo, mas submeteu sua obra a uma severa disciplina clássica. Diz um de seus biógrafos com muita razão que Chopin não improvisava como Listz ou Wagner, mas compunha como Mozart e Bach. Um aspecto notável de sua criação artística, talvez não muito conhecido, é o trabalho de plano que impunha à sua produção. Nenhuma peça era escrita sem o exame prévio de sua consciência criadora. E depois de traçado o plano, desenvolvia a obra meticulosamente, resistindo às tentações fantasiosas, dominando e coordenando as emoções. Nele tudo é límpido e ordenado. Sabe o que é real, e melhor do que ninguém, o meio de conduzir a criação a fins determinados. Chopin produto do romantismo não sucumbe à ação negativista desse mesmo romantismo que transforma o mundo interior em entidade absoluta e refugio frente à realidade social. O romantismo de Chopin é antes de tudo um romantismo revolucionário, um protesto ativo...

Há ainda entre nós, infelizmente, em muitos setores artísticos e intelectuais, a versão de um Chopin que nunca existiu na realidade. E a propósito, teve o Maestro Eduardo de Guarnieri, em conferência que realizou o ano passado no Museu de Arte Moderna de fazer reparos ao falso conceito de ver-se em Chopin um artista que vivia se lamentando, quando a sua música é alegre e otimista; um vencido pela tuberculose, quando sua música está cheia de esperanças e voltada para o futuro; um resignado, quando em cada trecho há um brado de revolta e um protesto. Não era o grande romântico alemão, Schuman

que dizia que na música de Chopin havia «canhões escondidos entre flores?»

Sob esses aspectos, e incluindo o seu sentimento de revolta diante da pátria oprimida é que se pode compreender a incomparável linguagem sonora que transmitiu a povos de tantas latitudes diferentes a mesma mensagem universal.

### A ARTE POPULAR INSPIROU CHOPIN

Chopin revelou-se compositor com a idade de oito anos. Sua primeira composição — «Polonaise em sol-menor» — já trazia a marca genial inconfundível que iria revelar em toda criação posterior; sua formação artística é condicionada pelo período de vigorosa expansão cultural da Varsóvia dos anos de 1807 a 30. «A base da nova cultura — afirma Vladmir Jankelevitch, um de seus biógrafos — torna-se a arte popular, na qual os românticos esperam descobrir o gênio da nação. Graças ao romantismo, a burguesia vai beneficiar-se com a cultura».

No domínio da música esse interesse se manifestou pela abertura de salas de concertos e de ópera cada vez mais numerosas, e pela formação de sociedades musicais e de grupos corais de amadores.

Quando Chopin inicia seus primeiros recitais, já Varsóvia se havia transformado no centro musical mais ativo de todo o país. A «Opera», de Varsóvia, está sob a direção de um mestre consumado — Elsner (essa simpática e irreverente figura que o cinema, em várias versões, tornou familiar, principalmente através do ator Paul Muni). Depois de Elsner, Kurpinski, — e ambos tornariam conhecida na Polônia as obras de Weber, Mozart, Cherubini e outros. Os grandes artistas da época apresentavam-se em Varsóvia, e floresciam por todos os lados os conjuntos vocais de amadores. Desde esses primeiros anos de vida, a sensibilidade musical de Chopin associa-se fortemente às lembranças mais queridas da terra natal, de suas canções campesinas, das danças «polonaises», mazurcas, «obereks» e «kujawiaks». Sua infância decorreu em meio a um estado de semiliberdade, quando ainda havia a esperança de que Napoleão restituiria a liberdade à nação polonesa escravizada pelo tzarismo. Tal ilusão logo se dissipou e a derrota dos patriotas tornou mais dolorosa a vida dos poloneses. «Chopin partiu para o exílio — disse Paderewski — levando aquilo que Mickiewicz chama o «genius loci» e que nós chamamos o gênio da pátria. Ele foi o genial contrabandista que através de sua música fez expandir por cima das fronteiras o polonismo proibido.»

A grande projeção da obra chopiniana se explica pela densidade de conteúdo e pelos seus motivos ritmo-métricos populares. Soubes com insuperável maestria trasladar para o campo da música os motivos populares. Desenvolveu a música popular polonesa, «criando-a de novo» — como disse Stanislas Golachowski, outro de seus biógrafos.

um papel ativo e consciente no esforço geral da libertação do homem de nossos dias.

Ressalta de toda a obra chopiniana uma linha nodal de heroísmo sempre renovado. Suas arrebatadoras «polonaises» (e dentre elas a impressionante opus 22) são cavalgatas de patriotas em luta contra a tirania da pátria. O «Estudo Revolucionário» é escrito sob a impressão da derrota da revolução polonesa de 8 de setembro de 1831, ocorrida alguns dias depois de sua partida da terra natal, que nunca mais tornaria a ver.

As fontes da arte de Chopin foram o contato com a música popular polonesa, principalmente durante as férias que passava no campo, e delas se impregnou retendo-lhes o processo interno de desenvolvimento e da criação das melodias.

### O ESTILO CHOPINIANO

Chopin criou sua própria técnica pianística e nesse domínio introduziu soluções próprias e a originalidade do estilo; inclusive o conhecimento da composição constitui trabalho de autodidata. Quando abandonou Varsóvia, aos 20 anos, era um artista completo. Sua cultura, era, portanto, inteiramente polonesa. Não lhe era estranha a projeção criadora e o vigor da personalidade artística, e a propósito, conta-se que certa vez, durante um festival no castelo de Nohant, ao perceber que Listz, ao piano, introduzia florilégios em uma de suas composições, observou-lhe: «Se me honras tocando minhas peças, suplico que as toques como estão escritas. Só a Chopin cabe o direito de modificar Chopin».

Ressalta de toda a obra chopiniana uma linha nodal de heroísmo sempre renovado. Suas arrebatadoras «polonaises» (e dentre elas a impressionante opus 22) são cavalgatas de patriotas em luta contra a tirania da pátria. O «Estudo Revolucionário» é escrito sob a impressão da derrota da revolução polonesa de 8 de setembro de 1831, ocorrida alguns dias depois de sua partida da terra natal, que nunca mais tornaria a ver.

As fontes da arte de Chopin foram o contato com a música popular polonesa, principalmente durante as férias que passava no campo, e delas se impregnou retendo-lhe o processo interno de desenvolvimento e criação das melodias.

A grande projeção da obra Chopiniana se explica pela densidade de conteúdo e pelos seus motivos ritmo-métricos populares. Soubes com insuperável maestria trasladar para o campo da música os motivos populares. Desenvolveu a música popular polonesa, «criando-a de novo» — como disse Stanislas Golachowski, outro de seus biógrafos.

A vida de Chopin é o exemplo vivo de que o verdadeiro artista está indissolúvelmente ligado à vida e às aspirações de seu povo, que é a fonte permanente e inesgotável da arte. Nos dias atuais em que a música sofre de dolorosa crise espiritual levada aos últimos excessos formalistas, ao artista cabe lutar contra as influências deformadoras alienígenas que transformam as mais verazes expressões musicais em cacofonias patológicas. Em sua «Carta Aberta», o Maestro Camargo Guarnieri teve ocasião de denunciar os perigos que encerra, por exemplo, a tendência dodecafônica que «tenta sorratamente destruir as características especificamente nacionais de nossa música.»